UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS
ARTES VISUAIS - LICENCIATURA

RENATO BARRETE MARCELINO DE LIMA

AS EXPERIÊNCIAS DOS PONTOS DE CULTURA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS

GOIÂNIA
2023

UFG

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a titulo de divulgação da produção cientifica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **Renato Barrete Marcelino de Lima**

Título do trabalho: “AS EXPERIÊNCIAS DOS PONTOS DE CULTURA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS”

2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [x] SIM [ ] NÃO[1]

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;

- Submissão de artigo em revista cientifica;

- Publicação como capítulo de livro.

Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.

Documento assinado eletronicamente por **Leda Maria De Barros Guimarães**, **Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 21:56, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Renato Barrete Marcelino De Lima**, **Discente**, em 07/03/2023, às 10:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3505351** e o código CRC **09EA5233**.

Referência: Processo nº 23070.006308/2023-35 SEI nº 3505351

RENATO BARRETE MARCELINO DE LIMA

AS EXPERIÊNCIAS DOS PONTOS DE CULTURA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais (FAV), da Universidade Federal de Goiás (UFG), sob orientação da Profa. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães e coorientação da Profa. Dra. Rosana Gonçalves da Silva.

GOIÂNIA
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Lima, Renato Barrete Marcelino de
As experiências dos Pontos de Cultura para a formação docente em Artes Visuais [manuscrito] / Renato Barrete Marcelino de Lima. - 2023.
61 f.

Orientador: Profa. Dra. Leda Maria de Barros Guimarães; co orientadora Dra. Rosana Gonçalves da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Goiás, , Artes Visuais, Goiânia, 2023.
Bibliografia.
Inclui fotografias, abreviaturas, tabelas, lista de figuras, lista de tabelas.

1. Pontos de Cultura. 2. Arte educação. 3. Cultura Visual. 4. Ensino não-formal. 5. Formação docente. I. Guimarães, Leda Maria de Barros, orient. II. Título.

CDU 8+7

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Ao(s) (09) dia(s) do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “AS EXPERIÊNCIAS DOS PONTOS DE CULTURA PARA A FORMAÇÃO DOCENTE EM ARTES VISUAIS”, de autoria de **Renato Barrete Marcelino de Lima**, do curso de Licenciatura em Artes Visuais, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pela Profa. Leda Maria de Barros Guimarães – orientadora (FAV/UFG) e pela profa. Dra. Rosana Gonçalves da Silva - SEED-GDF (co-orientadora) e com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: membro 1: Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira (FAV/UFG) e membro 2: Pablo Lopes - Coletivo Justina - membro externo. Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a nota final, tendo sido o TCC considerado APROVADO.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.

Documento assinado eletronicamente por **Leda Maria De Barros Guimarães**, **Professora do Magistério Superior**, em 28/02/2023, às 20:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Pablo Lopes**, **Usuário Externo**, em 01/03/2023, às 08:08, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira**, **Professor do Magistério Superior**, em 01/03/2023, às 11:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

Documento assinado eletronicamente por **ROSANA GONÇALVES DA SILVA**, **Usuário Externo**, em 01/03/2023, às 17:01, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3505251** e o código CRC **C1181B3B**.

Referência: Processo nº 23070.006308/2023-35 SEI nº 3505251

Criado por lilianuckerperotto, versão 7 por leda_guimaraes em 28/02/2023 20:06:36.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente à Deus que, independente de religião, tem me abençoado imensamente com pessoas maravilhosas ao longo da minha trajetória, pessoas que me inspiram e me motivam cada dia mais a continuar estudando e produzindo.

À minha família, em especial a minha avó, Abadia, que sempre soube da chegada desse momento. À minha mãe, Cleidemar, que pode ver seu primeiro filho a ter um diploma de nível superior de uma universidade pública. Ao meu irmão, Igor Fernando, que sempre me incentivou a continuar buscando meus sonhos e objetivos. Ao meu namorado, Ayslan Abrantes Pereira, que compartilhou comigo as inquietações desse momento.

Especial agradecimento as minhas orientadoras, Leda Maria de Barros Guimarães e Rosana Gonçalves da Silva, pela paciência, pela dedicação, pelo carinho, por acreditarem no meu potencial e por me proporcionarem a oportunidade de realizar um plano de trabalho de iniciação científica que se desdobrou neste Trabalho de Conclusão de Curso.

Aos professores Elinaldo Silva Meira e Noeli Batista dos Santos, cujas práticas pedagógicas me marcaram profundamente, e aos demais professores do núcleo docente do curso de licenciatura em Artes Visuais, Alice Fátima Martins, Carla Luzia de Abreu, Kelly Christina Mendes Arantes, Lilian Ucker, Valéria Fabiane Braga Ferreira, dentre outros, que contribuíram fortemente na minha formação e tornaram possível o caminhar e o chegar na linha final dessa etapa.

Aos meus colegas de curso por dividirmos tantos momentos únicos e marcantes, dentro e fora da sala de aula, tantas conversas, tantas histórias, tantas risadas, tantas angústias... Eu faria tudo novamente.

Às minhas colegas de trabalho da Escola Municipal Prof.ª Edna de Roure, em especial as queridas Leiliane Rosa Pires e Marta Maura de Araújo Tavares, por me ensinarem a importância de sermos bons professores.

Aos coletivos dos Pontos de Cultura, em especial ao Coletivo Justina, na pessoa de Pablo Lopes; ao Centro de Cidadania Negra do Estado de Goiás, na pessoa de Aluísio Black; ao Coletivo a Toca, na pessoa de Débora Resendes, e demais pessoas por trás das movimentações culturais da nossa cidade.

RESUMO

As políticas públicas para a cultura no Brasil viveram um momento inédito na sua história com a gestão do governo Lula, entre o período de 2003 à 2010, que teve como ministros da cultura Gilberto Gil e Juca Ferreira. Neste trabalho será abordado o Programa Cultura Viva, criado pelo secretário da pasta Célio Turino, que se efetivou através do apoio a espaços culturais já estabelecidos que passam a ter projetos de trabalhos aprovados como Ponto e Pontão de Cultura em centenas de municípios brasileiros. Através do uso da netnografia, que se caracteriza pela pesquisa de tipo etnográfica em ambiências virtuais, essa pesquisa buscará sistematizar as ações socioculturais realizadas nesses espaços em Goiânia e Aparecida de Goiânia, que possam contribuir para a formação docente em Artes Visuais. Buscaremos, através dessa sistematização, entender como esses espaços que contam com ações socioculturais de ensino não-formal e informal podem contribuir para uma reflexão acerca da formação docente em Artes Visuais, respondendo a questões como o que uma educação não-formal pode nos dizer do que ensinamos-aprendemos nos espaços formais? Quais práticas de produção artística e de ensino-aprendizagem relevantes para uma formação crítica e cidadã que o currículo formal tem deixado a desejar? O ensino formal tem levado em consideração as vivências e experiências de nossos alunos? Faremos isso enquanto buscamos dialogar com autores que pesquisam sobre a Cultura Visual.

Palavras-chave: Pontos de Cultura; Arte educação; Cultura Visual; Ensino não-formal; Formação docente.

ABSTRACT

Public policies for culture in Brazil experienced an unprecedented moment in its history with the Lula administration, between 2003 and 2010, which had Gilberto Gil and Juca Ferreira as ministers of culture. In this work, the Cultura Viva Program will be approached, created by the secretary of the folder Célio Turino, which was carried out through the support to already established cultural spaces that now have approved work projects such as Ponto and Pontão de Cultura in hundreds of Brazilian municipalities. Through the use of netnography, which is characterized by ethnographic research in virtual environments, this research will seek to systematize the sociocultural actions carried out in these spaces in Goiânia and Aparecida de Goiânia, which may contribute to teacher training in Visual Arts. We will seek, through this systematization, to understand how these spaces that have sociocultural actions of non-formal and informal teaching can contribute to a reflection on teacher training in Visual Arts, answering questions such as what a non-formal education can tell us about what do we teach-learn in formal spaces? What practices of artistic production and teaching-learning are relevant to a critical and civic education that the formal curriculum has left to be desired? Has formal education taken into account the experiences of our students? We will do this while we seek to dialogue with authors who research on Visual Culture.

Keywords: Points of Culture; Art education; Visual Culture; Non-formal education; Teacher training.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 1 - Frame do documentário (18’51) “Escola de Luta”, direção de Carli de Morais, uma produção de “A Casa de Vidro Ponto de Cultura” 37
Imagem 2 - Frame do documentário (9’55) “Memórias que moram no mercado”, direção de Alyne Fratari 43
Imagem 3 - Frame do “Programa Hip-Hop em cena” (1’35) apresentando a Rua do Lazer (Rua 8) no centro de Goiânia, onde os grafites encantam o olhar de quem passa 46
Imagem 4 - Frame do “Programa Hip-Hop em cena” (1’48) apresentando a Rua do Lazer (Rua 8) no centro de Goiânia, dando destaque aos grafites de diferentes artistas no local.....46
Imagem 5 - Fotografia de bolso.....48
Imagem 6 - Fotografia de bolso.....49
Imagem 7 - Fotografia de bolso.....49
Imagem 8 - Fotografia de bolso.....50
Imagem 9 - Frame do documentário (1’19) do 5º Seminário Goiano de Comunidades Negras e Povos Tradicionais, com apresentação do grupo Congo Vilaboense de Goiás 53
Imagem 10 - Frame do documentário (2’57) do 5º Seminário Goiano de Comunidades Negras e Povos Tradicionais, com a mesa de abertura do evento que contou com mulheres de comunidades tradicionais (cigana, indígena, quilombola e de matriz africana). 54

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Ficha técnica e descrição de documentários independentes produzidos pela Casa de Vidro Ponto de Cultura e Centro de Mídia.....30
Quadro 2 - Ações e conteúdos propostos na Quinta Cinema pelo Coletivo A Toca .39
Quadro 3 - Atividades oferecidas pela Casa de Cultura da Juventude no ano de 2022 44
Quadro 4 - Oficinas, números de vagas e turmas e faixa etária das oficinas e atividades artísticas oferecidas pelo Ceneg-Go em 2022 52

LISTA DE ABREVIATURAS

BDTD	Banco de Teses e Dissertações
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
CENEG-GO	Centro de Cidadania Negra do Estado de Goiás
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
COTEC	Colégios Tecnológicos de Goiás
COVID-19	*Corona Vírus Disease* – 2019 (doença do coronavírus - 2019)
DOU	Diário Oficial da União
EMAC	Escola de Música e Artes Cênicas
FAV	Faculdade de Artes Visuais
LDB	Lei 9394/1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
MAC/USP	Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo
ONG	Organização Não Governamental
OS’s	Organizações Sociais
PCN’s	Parâmetros Curriculares Nacionais
PIBIC	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica
PPGAVC	Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual
PSDB	Partido da Social-Democracia Brasileiro
TIC’s	Tecnologias de Informação e Comunicação
UFG	Universidade Federal de Goiás

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 10
1 UMA BREVE HISTÓRIA DO PROGRAMA CULTURA VIVA NO BRASIL 13
2 METODOLOGIA 16
3 EDUCAÇÃO FORMAL, INFORMAL E NÃO-FORMAL NO ENSINO APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS 20
3.1 EDUCAÇÃO FORMAL 20
3.2 EDUCAÇÃO INFORMAL 23
3.3 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL 25
4 DIÁLOGOS POSSÍVEIS: ARTES VISUAIS, CULTURA VISUAL, PONTOS DE CULTURA 27
4.1 A CASA DE VIDRO PONTO DE CULTURA E CENTRO DE MÍDIA 29
4.2 A TOCA COLETIVO 38
4.3 CASA DE CULTURA DA JUVENTUDE “INSTITUTO EDUCAÇÃO CULTURA E VIDA” 44
4.4 COLETIVO JUSTINA 47
4.5 CENTRO DE CIDADANIA NEGRA DO ESTADO DE GOIÁS (CENEGO-GO) 51
ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS 56
REFERÊNCIAS 58

INTRODUÇÃO

A escrita da presente monografia se deu a partir da pesquisa ainda em desenvolvimento do Plano de Trabalho nomeado *Cultura e resistência: quem conta um ponto aumenta um conto*, que fora inscrito e aprovado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/Cnpq) da Universidade Federal de Goiás, com orientação da professora Dr.ª Leda Maria de Barros Guimarães (PPGACV/FAV/UFG) e coorientação da Dr.ª Rosana Gonçalves da Silva (PPGACV/FAV/UFG).

Quem conta um ponto aumenta um conto refere-se às políticas públicas para a cultura criadas e implementadas durante o governo do presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2010), que nomeou ministros da cultura Gilberto Gil e Juca Ferreira, de janeiro de 2003 à julho de 2008 e julho de 2008 à dezembro de 2010 respectivamente.

O plano de trabalho buscou mapear os Pontos e Pontões de Cultura que, através do Programa Cultura Viva, foram apoiados pelo governo federal no período mencionado e beneficiados com essa nova política de estado na cidade de Goiânia e região metropolitana. Teve por objetivo responder a algumas questões como: quais as ações de impacto sociocultural desenvolvidas nas comunidades envolvidas; se continuavam sendo apoiados financeiro e institucionalmente pelo Ministério da Cultura; se seguiram atuando em redes sociais, estéticas e políticas; como essa atuação se deu no contexto da pandemia de COVID-19 durante 2020-2022; quem são seus criadores e responsáveis. Essas e outras questões foram respondidas e sistematizadas a partir da produção de relatórios, realização de entrevistas narrativas, escrita de artigos acadêmicos e apresentação em Seminário de Pesquisa.

Considerando que a aproximação com as realidades desses espaços, pois são múltiplas, através de ambientes digitais, suscitam várias discussões a respeito de sua importância na proposição de políticas públicas para a cultura e para as possibilidades de ensino aprendizagem em Artes Visuais, essa monografia objetiva relacionar essas discussões com os campos de estudos da Cultura Visual.

Uma vez que o plano de trabalho foi proposto pensando na realização de uma pesquisa no tempo em que a pandemia registrava números alarmantes de contaminação, onde o distanciamento social e respeito aos protocolos de

biossegurança eram a recomendação mais viável a se seguir, foi assim também pensada a realização desta pesquisa. Embora semelhantes, a proposta para o PIBIC ocorreu em caminhos e tempos diferentes da presente escrita, sendo que a primeira se iniciou em setembro de 2021 e encerrou-se em agosto de 2022, com renovação e aprovação do plano de trabalho para setembro de 2022 a agosto de 2023. A presente pesquisa iniciou-se em maio de 2022 e encerra-se em fevereiro de 2023, seguindo o calendário acadêmico.

Compreendemos as Artes Visuais como uma área do conhecimento que envolve e perpassa várias subdivisões, tendo como matéria-prima as visualidades. Envolve desde a História da Arte como disciplina que sistematiza as produções artístico/imagéticos da humanidade em diferentes períodos, espaços e linguagens; as múltiplas técnicas e linguagens artísticas que se desenvolveram desde um contexto mais tradicional que engloba o desenho, a pintura, a escultura e a gravura, até as linguagens contemporâneas como a fotografia, o cinema e o audiovisual, a performance, o grafite, dentre outras; as diversas formas que se expressam a cultura e a arte popular como o artesanato, tradições, festas e celebrações populares. Além disso temos as questões referentes ao ensino e aprendizagem, que atravessam todas essas discussões, afinal trata-se de um curso de licenciatura, portanto aqui merecem maior destaque.

A Cultura Visual é aqui entendida como campo multidisciplinar e transdisciplinar que busca integrar diversas áreas do conhecimento como a História da Arte, a antropologia, a comunicação, a publicidade, o design, a arquitetura, dentre outras, trazendo à tona a necessidade de uma educação para e da Cultura Visual. Partimos da compreensão da imensa variedade de formas como produzimos e reproduzimos as imagens atualmente, não apenas nos contextos tradicionais da arte, mas considerando as visualidades que circulam no nosso cotidiano enquanto mediadoras de informação, representações de formas de cultura, entretenimento, material político, ideológico, midiáticos. Elas estão presentes nos mais diversos contextos, das redes sociais aos aparelhos midiáticos e publicitários, nas produções artísticas contemporâneas que aproveitam-se dessas inovações, estimulando o pensamento sobre como essas influenciam o nosso olhar sobre nós mesmo e os outros. Entender essa produção imagética massiva, assim como interessar-se pelas produções artísticas do passado são objetos do campo de estudo da Cultura Visual, tendo em

vista a necessidade de se pensar o sujeito, capaz de se influenciar, se moldar, na medida que essas imagens agem como motivadora de comportamentos e costumes. (TOURINHO, MARTINS, 2011).

Dito isso, será proposto no primeiro capítulo, Breve História do Programa Cultura Viva no Brasil, uma visualização da história do Programa Cultura Viva, contemplando desde o ensejo do governo PT para com as políticas culturais brasileiras, os objetivos e pressupostos dos Pontos de Cultura, as formas de funcionamento, a descentralização do programa por parte do MinC aos estados e municípios e a Lei da Cultura Viva. No segundo capítulo é exposto as fundamentações, estratégias e procedimentos metodológicos para se atingir os objetivos. No terceiro capítulo trago alguns pressupostos já validados sobre diferentes contextos de aprendizagem a fim de diferenciar práticas pedagógicas e culturais presente na educação formal que se diferenciam da educação não-formal e informal, uma vez que as duas fazem parte do cotidiano dos espaços que essa pesquisa se aproxima. Por último, no quarto capítulo, buscarei as possibilidades de diálogos entre as ações socioculturais desenvolvidas nos Pontos de Cultura com autores da Cultura Visual.

1 UMA BREVE HISTÓRIA DO PROGRAMA CULTURA VIVA NO BRASIL

A Imaginação a Serviço do Brasil (BRASIL, 2002) registra o *Programa de Políticas Públicas de Cultura* do *Programa de Governo 2002 Lula Presidente*, que foi construído a partir das experiências práticas geradas na administração das políticas públicas culturais populares conduzidas pelo Partido dos Trabalhadores (PT) até então nos municípios e estados e da escuta de estudiosos, e é pontuado, logo em sua apresentação, que

> Num país com a extraordinária diversidade cultural do Brasil, as forças políticas comprometidas com a Coligação Lula Presidente não se permitem elaborar um Programa de Políticas Públicas de Cultura sem auscultar de perto as diferentes expressões culturais de cada região do país. (BRASIL, 2002, p. 2).

Sendo essas expressões consideradas “a alma do povo”, que através do seu desenvolvimento econômico garantem o bem-estar material, “[...] é o desenvolvimento cultural que define sua qualidade”, comprometendo-se com “A transmissão dos seus valores ensinados e aprendidos ao longo da história''. (ibidem).

A coligação Lula Presidente 2002, considerou ampla e diversa a concepção de cultura brasileira, ensejando o resgate cultural dessa diversidade, a partir da valorização das histórias e memórias nacionais das diferentes regiões do país e que são compostas a partir da contribuição dos diversos povos e etnias aqui presentes. Sendo múltiplas as práticas e linguagens consideradas culturais que estão vivas em todo o território brasileiro, desde as danças, as músicas, as artesanias, as religiosidades, a literatura, o cinema, até as culturas de rua e de resistência da juventude e dos movimentos sociais, e assim por diante.

> Um governo democrático e popular teria que se diferenciar em tudo do seu antecessor – o maior promotor do reino do dinheiro na sociedade e no Estado brasileiros –, antes de tudo na política cultural. E uma das maiores e mais inovadoras realizações deste governo são os Pontos de Cultura – pontos de vida, pontos de “des-silenciamento” do povo, pontos de muitos pontos. (SADER, 2010, p. 8).

Nesse sentido, a convite do ministro Gilberto Gil, Célio Turino, historiador e escritor, que já contava com experiência de secretário Municipal de Cultura da cidade de Campinas no período de 1990 a 1992, foi nomeado secretário da então Secretaria de Programas e Projetos Culturais do Ministério da Cultura no ano de 2003 (CULTURA E MERCADO, 2010), para criar um programa de políticas públicas que contemplasse todas as regiões brasileiras com toda sua diversidade, esse que ficou conhecido como

Programa Cultura Viva, é representado e se efetiva através dos Pontos e Pontões de Cultura.

Os Pontos de Cultura são espaços, aqui chamados assim por conveniência, uma vez que “[...] não se enquadram em formas [...]” (TURINO, 2010, p. 14), já enraizados dentro das comunidades que atuam. Ao invés da implementação de novas instalações que permitam a manifestação e a criação da diversidade cultural brasileira, o Programa Cultura Viva prevê a distribuição direta de recursos do Ministério da Cultura (MinC) para esses espaços, que possam contribuir para o investimento na melhoria de suas estruturas físicas, a aquisição de equipamentos necessários, a criação de cursos e oficinas a serem ofertados à comunidade, aquilo que for mais adequado às suas realidades. Eles também não se restringem a determinadas práticas culturais ou linguagens artísticas, eles “[...] são diversos, alguns preferem teatro, outros dança, ou música, que pode ser erudita, popular, ou a mistura de ambas.” (TURINO, 2010, p. 14), sendo assim muitos desses espaços têm proposto o ensino-aprendizagem não-formal e informal em Artes Visuais.

> O Ponto de Cultura não se enquadra em fôrmas; nem é erudito nem é popular; também não se reduz à dimensão da “cultura e cidadania” ou “cultura e inclusão social”. Ponto de Cultura é um conceito. Um conceito de autonomia e protagonismo sociocultural. Na dimensão da arte, vai além da louvação de uma arte ingênua e simples, como se ao povo coubesse apenas o lugar do artesanato e do não elaborado nos cânones do bom gosto. Pelo contrário, busca sofisticar o olhar, apurar os ouvidos, ouvir o silêncio e ver o que não é mostrado. (TURINO, 2010, p. 14).

Em 2012 é proposto o redesenho do Programa Cultura Viva, descentralizando a atuação direta do MinC, tornando os Estados e Municípios como proponentes dessas políticas. E em 2014 é sancionada, através da Instrução Normativa (IN) nº 01 de 07 de abril de 2014, publicada no D.O.U em 08 de abril de 2014, a Lei da Cultura Viva a fim de “[...] simplificar e desburocratizar os processos de prestação de contas e repasse de recursos para as organizações da sociedade civil; articulação de parceria entre União, Estados, Distrito Federal e Municípios com a sociedade civil.” (BRASIL, 2014). A partir da criação dessa lei inicia-se a implementação de uma plataforma online do Programa Cultura Viva, onde estão presentes o Cadastro Nacional de Pontos e Pontões de Cultura e a possibilidade de visualizar esses Pontos e Pontões.

Essa plataforma fora bastante explorada durante a execução do plano de trabalho desenvolvido para a Iniciação à Pesquisa. Foi através dessa plataforma que

encontramos o principal instrumento de levantamento de dados sobre os Pontos e Pontões de Cultura na cidade de Goiânia e Região Metropolitana, ela tornou possível o mapeamento de 46 espaços dentre os que foram contemplados com o Programa Cultura Viva, que tiveram algum projeto específico financiado, ou que receberam a chancela de Ponto de Cultura com a institucionalização da referida lei (SILVA; LIMA, 2022, p. 520-533).

Com a realização do mapeamento aproximamos desses Pontos, através da busca ativa de sites, blogs e redes sociais (instagram e facebook) dos mesmos, onde se destacam alguns grupos por sua forte atuação em ambientes virtuais, sejam através de seu próprio trabalho se desenvolver nessas plataformas, sejam elas utilizadas apenas para divulgação de suas ações e resultados obtidos.

Passados 20 anos de existência do Programa Cultura Viva, ainda pulsam forte os corações daqueles que se dedicam à árdua tarefa de produzir e promover o acesso à cultura no país, de norte a sul do Brasil. Célio Turino, em sua viagem ao “Brasil de baixo para cima” apresenta o que viu e viveu em mais de 600 viagens, descrevendo esses momentos como de “[...] encantamento, reflexão e partilha” (TURINO, 2010, p. 14). Tão grandiosa é essa política que ela refletiu e reflete na produção acadêmica até os dias atuais.

O Banco de Teses e Dissertações (BDTD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) possui 118 resultados para busca ao “Programa Cultura Viva” e 284 resultados para busca ao termo “Pontos de Cultura”, encontramos artigos, teses e dissertações de mestrado e doutorado nas mais diversas áreas do conhecimento. Essas produções buscam compreender as diversas realidades presentes nos Pontos de Cultura também em várias regiões do país. Infelizmente não encontramos nenhum estudo sobre os Pontos de Cultura no campo das Artes Visuais, o que torna a escrita desta monografia significativa e importante. A professora Walquiria Pereira Batista, docente na Universidade Federal de Goiás (UFG) lotada na Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) produziu três artigos sobre o teatro em contexto de comunidade focando o Pontão de Cultura Cidade Livre.

2 METODOLOGIA

A aproximação com os Pontos e Pontões de Cultura se deu através do uso de Tecnologias de Informação e Comunicação, as chamadas TIC's, ou seja, o campo de observação são os ambientes digitais. Usados como meio de interlocução com suas comunidades, divulgação e feedback das ações desenvolvidas, da sua história e das questões burocráticas e institucionais, sendo de autoria dos seus próprios responsáveis e pessoas envolvidas no cotidiano desses espaços, essas ambiências digitais constituirão nessa pesquisa o local de investigação.

Para Marli André a etnografia "[...] *é um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade*." (ANDRÉ, 2020, p. 24), sendo seu significado etimológico uma "descrição cultural". Uma variedade de técnicas colabora na coleta de dados sobre várias situações culturais e sociais, dentre elas o comportamento de determinados grupos, e pode gerar "[...] *um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas*". (ANDRÉ, 2020, p. 24). Para o campo da educação nos interessam aquelas ligadas aos processos de ensino e aprendizagem em seus variados contextos.

Segundo seu pensamento, a pesquisa do tipo etnográfico em educação se dá a partir da utilização de técnicas que estão associadas a etnografia como a observação participante, a realização de entrevistas e a análise de documentos. Para a escrita desse trabalho será utilizada a observação participante, uma vez que através das redes sociais dos Pontos de Cultura de Goiânia e Região Metropolitana e do pesquisador fora estabelecido uma relação de acompanhamento, compartilhamento e divulgação das ações desenvolvidas nesses espaços, caracterizando o que a autora chama de um certo "[...] *grau de interação com a situação estudada, afetando-a e sendo por ela afetado*." (ANDRÉ, 2020, p. 24).

Foi na medida que me aproximava desses materiais de divulgação de oficinas, debates, seminários, da produção de conteúdos que se relacionam com a arte-educação, da documentação de suas ações através do uso do audiovisual que pude visualizar outras formas de atuação na minha área de formação, outras possibilidades se abriram em mente que não aquelas ligadas apenas ao ensino formal da educação

básica. Além disso, o que me marcou nesses contatos foi perceber a forma como a diversidade cultural pode e deve ser valorizada e compartilhada com os estudantes.

A análise de documentos produzidos e divulgados pelos mesmos por meio das TIC's, permitem contextualizar e aprofundar em questões operacionais como por exemplo localização, comunidades envolvidas, gestores, formas de financiamentos, descrição das ações socioculturais e demais informações que se referem diretamente às formas de funcionamento desses espaços. Além disso, esses documentos contêm relatos dos seus coletivos, gestores, coordenadores, propositores, aqueles que estão diretamente envolvidos nas produções socioculturais dos Pontos de Cultura. Para analisar esses documentos optei pela formatação em forma de quadros expositivos, que trago nesta pesquisa, com recorte ou inserção direta da descrição de seus criadores sobre suas atividades, as quais foram netnografadas com as informações disponibilizadas pelos seus próprios criadores, visando também possibilitar o lugar de fala (RIBEIRO, 2017) desses criadores dentro do contexto da pesquisa acadêmica.

Ou seja, será utilizada como fonte de dados documentos que contribuem para uma contextualização histórica e sociocultural, sendo que esses podem ser desde portfólios institucionais, reportagens, notícias, imagens e textos disponibilizados através de redes sociais, blogs e sites, documentários, curtas-metragens e tudo o mais que os Pontos de Cultura produzem. É a partir da Historiografia do início do século XX, com a quebra do paradigma positivista e do nascimento da Escola dos Annales que vemos o surgimento de narrativas que levem em consideração novos tipos de documentos que não apenas aqueles ditos "oficiais" de um determinado povo ou governo, abrindo as possibilidades de fontes documentais desde as disponíveis no passado até as mais atuais.

> Privilegiando uma abordagem mais globalizante, a história social ampliou consideravelmente a noção de documento. De fato, tudo o que é vestígio do passado, tudo o que serve de testemunho, é considerado como documento ou "fonte" como é mais comum dizer, atualmente. Pode tratar-se de textos escritos, mas também de documentos de natureza iconográfica e cinematográfica, ou de qualquer outro tipo de testemunho registrado, objetos do cotidiano, elementos folclóricos, etc. No limite poder-se-ia até qualificar de "documento" um relatório de entrevista, ou anotações feitas durante uma observação, etc. (CELLAR, 2008, pp. 296-297).

A *netnografia*, palavra que se configura a partir da junção do prefixo net, referindo-se a internet e comunicação digital, com a palavra etnografia, em seu sentido

descrito anteriormente, caracteriza-se por uma pesquisa do tipo etnográfico que se realiza a partir da coleta de dados, e consequente análise, das interações sociais em ambiências digitais. Essa talvez seja a palavra mais apropriada, quando falamos da metodologia da presente pesquisa, devido a sua característica principal ser a de estar "[...] *aliando elementos da etnografia com as tecnologias e a comunicação digital.*" (MARTINS; PEDROSO, 2013, p. 6).

Mercado (2012), nos diz que essa metodologia é também chamada de etnografia virtual, webnografia, ciberantropologia, etnografia digital, dentre outros, e essas nos permitem

> um estudo detalhado das relações nos espaços virtuais, nos quais a internet é a interface cotidiana da vida das pessoas e lugar de encontro que permite a formação de comunidades, grupos estáveis e a emergência de novas formas de sociabilidade. (MERCADO, 2012, p. 169).

Ao falar sobre a observação participante das interações ocorridas por meio de ferramentas comunicacionais, sinaliza que

> O grau de participação é variável segundo o tipo de estudo, assumindo o pesquisador o papel de observador e em outras de participantes das interações nos ambientes virtuais. O objetivo da observação participante é desvelar os encontros que permeiam o dia a dia da prática on-line, descrever as ações e representações de seus atores sociais, reconstruir sua linguagem, suas formas de comunicação e os significados que são criados e recriados no cotidiano virtual. (ibidem, p. 176).

Assim, considerando o grau de interação entre o pesquisador e redes sociais dos Pontos de Cultura, local onde se estabelece o campo da pesquisa, objetiva-se aproximar e compreender as formas como ações socioculturais num contexto de ensino-aprendizagem não-formal e informal, mais especificamente o ensino de arte, se estabelecem para que essas possam nos instigar a pensarmos sobre o que ensinamos-aprendemos em contextos formais de educação básica, uma vez que "[...] *um sujeito influencia o outro de forma cooperativa e na produção de mudanças na estrutura do sistema.*" (SILVA, 2017, p. 100).

A pesquisa de tipo netnográfica fora utilizada anteriormente em outro trabalho sobre Pontos de Cultura, a qual me fez refletir sobre a potencialidade desta metodologia, considerando os encaminhamentos da Iniciação à Pesquisa na qual participo se dar através das ambiências digitais, visto que seu Plano de Trabalho

procurava soluções para sua execução durante o contexto de distanciamento social devido a pandemia do coronavírus, causador da COVID-19.

3 EDUCAÇÃO FORMAL, INFORMAL E NÃO-FORMAL NO ENSINO APRENDIZAGEM DE ARTES VISUAIS

Ao observar essa atuação online dos Pontos de Cultura emergem, e merecem aqui destaque, as ações socioculturais que dialogam com o ensino de Artes Visuais, como oficinas e cursos de práticas artísticas específicas, seminários sobre diversidade étnica e cultural, criação e disponibilização ao acesso público de materiais potencialmente didáticos que contribuem para a arte educação, etc. Daí podemos levantar alguns questionamentos sobre as potencialidades e contribuições desses espaços de ensino não-formal e informal na formação docente em Artes Visuais como: o que uma educação não-formal pode nos dizer do que ensinamos-aprendemos nos espaços formais? Quais práticas de produção artística e de ensino-aprendizagem relevantes para uma formação crítica e cidadã de sujeitos que o currículo formal tem deixado a desejar? O ensino formal tem levado em consideração as vivências e experiências de nossos alunos?

Tentaremos então identificar práticas de produção artística e de ensino-aprendizagem em contextos não formais e informais que contribuam para se pensar o contexto formal de educação em Artes Visuais e estabelecer diálogos, a partir dos documentos produzidos pelos Pontos de Cultura, com autores da Cultura Visual.

Cabe aqui fazer alguns apontamentos que não apenas definem, mas que podem diferenciar o que entendemos por educação formal, educação informal e educação não-formal.

3.1 EDUCAÇÃO FORMAL

A educação formal é aquela ofertada dentro das escolas de Educação Básica (Ensino Fundamental e Ensino Médio) em instituições públicas e privadas, a crianças e adolescentes, com prevista obrigatoriedade e gratuidade dos 4 (quatro) aos 17 (dezessete) anos de idade (BRASIL, 1996). O processo de ensino-aprendizagem é mediado pela figura do(a) professor(a), que, normalmente, possui formação em cursos de licenciatura. É característico desses espaços a existência de um currículo pré-determinado que trabalhe conteúdos específicos, considerando os conhecimentos construídos e validados pelo ser humano ao longo do tempo. “*É por meio do currículo,*

concebido como elemento discursivo da política educacional, que os diferentes grupos sociais, especialmente dominantes, expressam sua visão de mundo, seu projeto social, sua 'verdade'." (SILVA, 2001 p. 10).

Atualmente é adotada no Brasil a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), um documento normativo previsto no artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) de 1996, que organiza e regulariza a educação brasileira com base em princípios presentes na Constituição de 1988

> Art. 26. Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos. (BRASIL, 1996).

A BNCC é o documento normativo que "[...] *define o conjunto orgânico e progressivo de aprendizagens essenciais que todos os alunos devem desenvolver ao longo das etapas e modalidades da Educação Básica"* (BNCC, 2018, p. 7), e que servirá como base para a formulação dos currículos nas redes escolares dos municípios, estados e federação. Sua implementação se deu a partir da adequação dos currículos ao longo do ano de 2018, chegando na sala de aula no mesmo ano, com prazo máximo para até 2020. Ela busca, ao longo de toda a educação básica, assegurar o direito do estudante de desenvolver dez competências gerais, que são definidas como "[...] *a mobilização de conhecimentos (conceitos e procedimentos), habilidades (práticas, cognitivas e socioemocionais), atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, e do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho.*" (BNCC, 2018, p. 8).

É importante diferenciar dois termos que aparecem como centrais na BNCC que são os de habilidades e competências. De acordo com esse documento as habilidades expressam as aprendizagens essenciais que devem ser asseguradas aos estudantes nos diferentes contextos escolares, como por exemplo observar uma obra de arte ou expressar uma crítica sobre a mesma. Já as competências são definidas como a mobilização de conhecimentos, habilidades, atitudes e valores para resolver demandas complexas da vida cotidiana, do pleno exercício da cidadania e do mundo do trabalho, podemos dar como exemplo a capacidade do estudante em relacionar uma obra de arte a um determinado contexto cotidiano, seja ele coletivo ou individual. Em suas "Competências Gerais da Educação Básica" (BNCC, 2018, p. 9) o

documento traz suas primeiras menções sobre Arte e manifestações culturais, destacamos aqui a competência de número 4, que diz

> Utilizar diferentes linguagens - verbal (oral ou visual-motora, como Libras e escrita), corporal, visual, sonora e digital -, bem como conhecimentos de linguagens artística, matemática e científica, para se expressar e partilhar informações, experiências, ideias e sentimentos em diferentes contextos e produzir sentidos que levem ao entendimento mútuo. (BNCC, 2018, p. 9).

Sobre as modalidades da educação básica, o documento se divide em três etapas: Educação Infantil, Ensino Fundamental (anos iniciais e anos finais) e Ensino Médio.

A Arte aparece na BNCC como componente curricular, compondo a área de Linguagens que aparece como grande área do conhecimento formada por outros componentes como Língua Portuguesa, Educação Física e Língua Inglesa. Tem por finalidade

> [...] possibilitar aos estudantes participar de práticas de linguagem diversificadas, que lhes permitam ampliar suas capacidades expressivas em manifestações artísticas, corporais e linguísticas, como também seus conhecimentos sobre essas linguagens, em continuidade às experiências vividas na Educação Infantil. (BNCC, 2018, p. 63).

Ao se trabalhar Arte como componente curricular, o mesmo se divide em quatro linguagens artísticas que devem ser contempladas: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro, essas devem ser trabalhadas separadamente e seus conteúdos (objetos de conhecimento) são agrupados por Unidades Temáticas, e integradas através de uma última unidade denominada Artes Integradas.

O documento cita seis dimensões do conhecimento que vão caracterizar a experiência artística: a criação que está relacionada ao ato do fazer artístico; a crítica que diz respeito às impressões que os sujeitos fazem para compreender as diferentes manifestações; a estesia que se refere à experiência sensível dos sujeitos; a expressão através da experiência com as linguagens e suas especificidades; a fruição que é a apreciação, a exposição a diferentes tipos de manifestações; e a reflexão que se relaciona com todas as dimensões anteriores, possibilitando a formulação de pensamentos e interpretações possíveis.

Para definir as Artes Visuais o documento vai dizer que

> As Artes Visuais são os processos e produtos artísticos e culturais, nos diversos tempos históricos e contextos sociais, que têm a expressão visual como elemento de comunicação. Essas manifestações resultam de explorações plurais e transformações de materiais, de recursos tecnológicos e

de apreciação da cultura cotidiana. (BNCC, 2018, p. 195).

Ou seja, apesar de definir habilidades e competências que devem ser trabalhadas em conjunto com expressões artísticas diferentes e buscar sua integralização através do componente Artes Integradas, o documento ainda resguarda que cada campo preserve suas singularidades, destacando, como no caso das Artes Visuais, a intenção de proporcionar "[...] *aos alunos explorar múltiplas culturas visuais, dialogar com as diferenças e conhecer outros espaços e possibilidades inventivas e expressivas* [...]" (BNCC, 2018, p. 195).

Percebemos então que, apesar de assegurar certos pressupostos sobre o ensino aprendizagem de Artes Visuais, o documento não garante que os estudantes possam ter acesso a aprendizagem das quatro linguagens artísticas mencionadas. Uma vez que as escolas públicas dos estados e municípios raramente possuem quatro professores de artes, especialistas cada um em uma linguagem específica. Embora seja importante a garantia da diversidade de linguagens, também o é a garantia de que as políticas públicas se comprometam em abrir espaço para atuação de profissionais com diferentes formações, ao invés de esperar que o trabalho pedagógico possa se auto suprir, independente das condições e recursos materiais e intelectuais que determinado professor(a) dispõe para realizar o trabalho pedagógico.

3.2 EDUCAÇÃO INFORMAL

Quando, por volta dos anos 1960, mais precisamente na Universidade de Birmingham, Inglaterra, os Estudos Culturais tem seu campo de pesquisa e atuação institucionalizado, várias áreas do conhecimento passam, em decorrência desse fator e/ou de outros, por um processo de ressignificação. Uma delas, a pedagogia, com o intenso intercâmbio de pesquisas e ideias propiciados pelo processo de globalização, teve grandes transformações na sua definição. (ANDRADE; COSTA, 2015).

Conceitos como currículo oculto (APPLE, 1982, apud ANDRADE; COSTA, 2015) e pedagogia invisível (BERNSTEIN, 1984, apud ANDRADE; COSTA, 2015), que indicavam a existência de uma pedagogia fora da sala de aula ou dos contextos educativos formais, ajudaram tanto quanto a aproximação entre Educação e os Estudos Culturais. Inserindo a primeira num campo de análises que levasse em consideração suas relações com a cultura, a política ou o poder, no surgimento do

conceito de pedagogias culturais, o qual tem papel de mediar essas discussões sobre as relações entre artefatos culturais e processos educativos.

> [...] a conveniência da cultura como recurso pedagógico, como recurso que amplia os lugares de aprendizagem e permite que, para além dos muros escolares, os sujeitos sejam educados, formados, governados por diferentes agentes. (ANDRADE, 2016, p. 54).

A partir do surgimento dos Estudos Culturais emerge outro conceito de cultura, que não se refere apenas ao que chamamos de cultura erudita (Belas Artes, música clássica, literatura, teatro, etc.), mas um que se relaciona com as formas que diferentes classes sociais são e se expressam, produzem conhecimentos próprios que são passados às novas gerações, seus costumes e crenças, suas tradições, a forma como vivem e se estabelecem cotidianamente.

Além de destacar como essas práticas, das pedagogias culturais, estão inseridas em contextos informais, das situações cotidianas, a junção pedagogia-cultura evidencia uma base cultural para a educação, buscando explorar a presença dessas nas mais variadas dimensões sociais.

> A educação transmitida pelos pais na família, no convívio com amigos, clubes, teatros, leitura de jornais, livros, revistas etc. são considerados temas da educação informal. O que diferencia a educação não-formal da informal é que na primeira existe a intencionalidade de dados sujeitos em criar ou buscar determinadas qualidades e/ou objetivos. A educação informal decorre de processos espontâneos ou naturais, ainda que seja carregada de valores e representações, como é o caso da educação familiar. (GOHN, 1999, p. 99-100).

É importante pensarmos que muito daquilo que nossos estudantes trazem para as salas de aulas são produtos culturais que estão presentes no seu cotidiano. São produtos das pedagogias culturais com potencial pedagógico pois estes atravessam a escola. Desde uma página no instagram que eles acompanham, das histórias contadas na televisão, nos filmes, nos videoclipes, dos grafites nos muros da cidade, da publicidade presente em todos os cantos, e que “[...] *se por ventura não formos capturados pelo discurso escolar que nos disciplina nesta mesma matriz de inteligibilidade, seremos por algum artefato ou arranjo cultural que nos circunda*” (ANDRADE, 2016, p. 67).

Devemos refletir a todos os momentos sobre as condições que formamos sujeitos a partir da disciplinarização, da formatação dos saberes em uma área do conhecimento ou outra. Existem formas de se aprender matemática que não estão

necessariamente inseridas no seu campo disciplinar, da mesma forma que aprender a desenhar não é recurso único das aulas de arte. Os conhecimentos se atravessam e quando não nos damos conta desses atravessamentos, ou os ignoramos, corremos o risco de não proporcionar uma experiência educativa que possua significado ou relação na realidade dos estudantes. Das suas realidades emergem conhecimentos que podem estar muito distantes dos conteúdos que a escola, enquanto instituição histórica e de função social reconhecidas, não relacionam ao seu cotidiano.

3.3 EDUCAÇÃO NÃO-FORMAL

Considera-se educação não-formal aquela desenvolvida em ambientes fora dos muros da escola, como ONG 's, associações de moradores, comunidades, igrejas, dentre outros, assim como a exercida pelos Pontos e Pontões de Cultura. Para Maria da Glória Gohn ela se caracteriza como um processo com várias dimensões, dentre seus princípios e objetivos, tais como:

> [...] a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica etc. (GOHN, 2006, p. 25).

Assim como a educação informal ocorre fora do ambiente escolar, não sendo guiada por um documento específico que estabeleça sua normatização, os conteúdos e objetivos da proposta pedagógica, a educação não-formal também ocorre fora das regulações propostas às instituições escolares. Diferente da educação informal que se dá sem uma intencionalidade educativa própria, mas que acontece da mesma maneira, a educação não-formal aparece com esse intento de ensinar e aprender, de mediar conhecimentos e propor novas formas de pensar e agir a partir da reflexão e da aprendizagem de novas habilidades que vão contribuir para o desenvolvimento da cidadania, da qualificação e profissionalização, da ampliação do repertório artístico e cultural de cada indivíduo, dentre outras especificidades.

Ana Mae Barbosa, um dos maiores nome da arte-educação no Brasil, nos aponta que suas “[...] *mais recentes pesquisas têm comprovado que o ensino da arte*

de melhor qualidade não está nas escolas, mas nas Organizações Não Governamentais (ONGs), que buscam a reconstrução social de crianças e adolescentes." (BARBOSA, 2005, p. 291). Para ela todos os espaços que tem obtido sucesso com jovens em situação de vulnerabilidade social tem trabalhado com arte e podem contribuir com as escolas para a realização de um trabalho pedagógico com o mesmo direcionamento, o de "[...] *recuperar o que há de humano no ser humano*" (BARBOSA, 2005).

Podemos retomar a influência da educação não-formal para a arte educação brasileira em dois momentos, de acordo com o estudo da história do ensino de Artes Visuais. O primeiro momento é em 1948, quando Augusto Rodrigues ao se reunir com outros intelectuais brasileiros interessados em discutir o ensino de arte no país acaba criando a primeira Escolinha de Arte no país. Buscando no pensamento de John Dewey, durante o escolanovismo, ideias para transformar a educação brasileira, arte educadores irão propor um ensino que coloque o aluno no centro dos processos de ensino e aprendizagem e, a partir da leitura e interpretação das obras de Viktor Lowenfeld e Hebert Read, a mediação de um ensino extra-escolar de arte focado na livre expressão da criança. Após desse momento são abertas 140 escolinhas de arte no Brasil e no exterior que vão exercer grande influência no ensino de arte das escolas regulares, transformando suas filosofias e metodologias de ensino.

O segundo momento se dá entre 1987 a 1993, quando, na reabertura política, Ana Mae Barbosa está à frente do Museu de Arte Contemporânea (MAC/USP), e vai propor um trabalho educativo extra escolar em arte a partir da contextualização histórica/sociocultural da obra de arte, da apreciação artística e da criação/fazer artístico. Esse trabalho que até hoje é referência como metodologia de ensino de arte está presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) do ensino fundamental e médio de 1998, e é chamado de abordagem, metodologia ou proposta triangular.

Vemos então que na história do ensino de Artes Visuais existe uma forte ligação entre o que é ensinado, e como é ensinado, em ambientes não-formais de ensino com aquilo que é proposto e adotado nas instituições formais. Ambas as propostas podem se influenciar, dialogar entre si, criar relações e reflexões que contribuem para o desenvolvimento dos estudantes.

4 DIÁLOGOS POSSÍVEIS: ARTES VISUAIS, CULTURA VISUAL, PONTOS DE CULTURA

É através do conhecimento de que ensino e aprendizagem ocorrem em uma grande multiplicidade de espaços e tempos, como posto anteriormente, que tentaremos dialogar sobre como as ações socioculturais e produções artísticas desenvolvidas nos Pontos de Cultura em Goiânia e Aparecida de Goiânia podem contribuir para o debate acerca do que ensinamos e aprendemos em diferentes contextos. Portanto, a partir daqui, destacamos a história desses espaços culturais na cidade de Goiânia e região metropolitana, buscando trazer suas próprias falas, de seus gestores, colaboradores e coletivos, sobre as práticas que possuem relação com o campo das Artes Visuais e que foram netnografadas para essa pesquisa. Trazemos ainda o pensamento de alguns autores que teorizam sobre a Cultura Visual enquanto campo de estudos possível para o ensino aprendizagem.

Considero para isso a incumbência de que professores e professoras de Artes Visuais, pesquisadores do seu campo de formação, devem assumir para si a postura de que "*A pesquisa da diversidade de contextos culturais tem sido a base para a elaboração de propostas de intervenções pedagógicas tanto em espaços de educação formal quanto em espaços de educação não formal [...]*" (GUIMARÃES, 2008, p. 1204"), sendo que essa diversidade está presente ao longo da formação proposta no currículo do curso de licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás.

Paul Duncum (2011) nos aponta que "*A arte-educação precisa mudar para que possa abordar os efeitos sociais da proliferação sem precedentes da imagética comercial que, atualmente, satura a vida diária em várias partes do mundo.*" (DUNCUN, p. 15). Isso significa que as crianças, adolescentes e jovens, nossos futuros alunos, estão cada vez mais imersos no universo das imagens de diversos tipos. Nas ruas deparam-se com propagandas comerciais em outdoors e panfletos, deparam-se com as galerias de arte urbanas que agrupam trabalhos artísticos em diferentes formatos (lambe-lambe, grafite, intervenções, etc). Ao ligar a televisão defrontam opiniões da mídia e produções televisivas que constroem narrativas sobre o cotidiano. Ao adentrarem nas escolas reparam todo um aparato decorativo que busca também conformar seus corpos e ações de acordo com as regras do ambiente, ou ainda, na ausência desses aparatos, as próprias visões de mundo que alguns

estudantes, que são praticantes da pichação, deixam seus registros (desenhos, nomes, frases) marcados nas paredes..

Para além de todos esses contextos o avanço das chamadas TIC's tem como uma de suas características principais o uso ininterrupto de aparatos tecnológicos (smartphones, tablets, notebooks, dentre outros) para estarmos "conectados" aos nossos círculos de amigos, família e trabalho. Para acessar notícias, para fazer uma receita, consultar uma enciclopédia ou dicionário; marcar uma consulta médica, pegar o resultado de um exame, que por sua vez pode ser uma imagem; ou seja, uma simples atividade cotidiana está hoje dependente do uso da internet e estamos sujeitos a todo tempo de nos depararmos com conteúdos veiculados através de visualidades. No meio disso tudo ainda temos a presença das redes sociais (facebook, instagram, twitter, whatsapp, telegram, e a lista nunca para de crescer), onde seus usuários não apenas visualizam as imagens, mas as (re)criam, relacionam ao seus próprios contextos e vivências, compartilham e ressignificam.

Pensar o campo de estudos da Cultura Visual como possível para uma abordagem metodológica na arte-educação, uma vez que o mesmo é transdisciplinar e adisciplinar não se vinculando a uma disciplina específica, é promover o debate sobre essas diversas visualidades que nos cercam a todos os momentos do nosso dia-a-dia. É dar aos estudantes a oportunidade de entenderem não apenas o significado daquilo que é considerado importante por um currículo ocidentalizado, mas também de entenderem a si próprio, dar a eles a possibilidade de se questionarem "o que isso diz sobre mim?" ou "o que isso tem a ver com a minha história?". É uma "*[...] oportunidade de construir, explorar e avançar na compreensão de como nos relacionamos e aprendemos a ser com aquilo que vemos e pelo qual somos vistos.*" (HERNANDEZ, 2011, p. 31-32).

Pontos de Cultura e Cultura Visual se vinculam na medida que ambos buscam, um enquanto política de estado, outro enquanto campo de estudos, empoderamento e protagonismo dos sujeitos envolvidos. Visibilizando suas próprias estéticas, o olhar de quem está nas comunidades e nos seus espaços culturais próprios.

4.1 A CASA DE VIDRO PONTO DE CULTURA E CENTRO DE MÍDIA

A Casa de Vidro Ponto de Cultura e Centro de Mídia possui como sede um espaço localizado no Setor Leste Universitário na capital goianiense, suas atividades iniciaram no ano de 2019, mas estão presentes na internet desde 2010, com um blog que publica informações sobre humanidades e artes. O blog/site atualmente conta com seção de Humanidades (Filosofia, Sociologia, Psicologia, Educação), Artes (Música, Literatura, Cinema, Teatro) e Política (Ativismos, Atualidades), além de reunir informações institucionais. Em sua sede destaca-se o estúdio de produção audiovisual, livraria e jardim agroecológico.

> Dentre os objetivos do ponto de cultura A Casa de Vidro estão servir como sede de atividades de produção cultural e de mídia independente, com a realização de documentários, videoclipes, podcasts, webnários, singles e álbuns musicais, dentre outros. (A CASA DE VIDRO, 2019).

Trabalham com a valorização da cultura popular goianiense, com a gravação independente e lançamento de álbuns autorais de músicos e grupos que são disponibilizados gratuitamente. A partir de uma articulação coletiva, A Casa de Vidro consegue atuar ativamente dentro dos movimentos sociais locais (atos estudantis, marcha da maconha, protestos por demandas políticas, protestos feministas, etc) e ainda garantir o registro desses momentos em formato audiovisual.

Em seu canal no YouTube está disponível para acesso público diversos desses registros, como por exemplo uma playlist intitulada “Documentários Independentes – Filmes de Eduardo Carli de Moraes” (detalhada na tabela abaixo). A playlist conta com 29 documentários independentes com duração variável de 3 minutos a 1 hora e meia, realizados por Eduardo Carli de Moraes, gestor cultural da Casa de Vidro e produtor audiovisual, que acompanha esses movimentos sociais em Goiânia, Brasília e até na cidade de Toronto, no Canadá. Merece também destaque o “Confluências – Festival de Artes Integradas” que já teve oito edições realizadas, contando com programação diversa que vai desde shows, saraus, cine debate e exposições, também documentado e disponível para acesso gratuito.

> Trabalhando com o conceito de artes integradas, o ponto de cultura deseja congregar artistas de várias vertentes e propiciar um espaço de articulação entre agentes culturais, ativistas de movimentos sociais e a população interessada em expandir seus horizontes artísticos e políticos. (A CASA DE VIDRO, 2019).

Quadro 1 - Ficha técnica e descrição de documentários independentes produzidos pela Casa de Vidro Ponto de Cultura e Centro de Mídia

Título	Duração	Ficha Técnica / Descrição
Ocupa tudo - Congresso Nacional, Brasília 29/11/20216	3’48	“[...] como começou a ocupação temporária do gramado em frente ao Congresso Nacional, em 29 de novembro de 2016, pelos cerca de 30 mil manifestantes que tomaram conta de Brasília nesta ocasião. Exigindo o Fora Michel Temer e em protesto contra a PEC 55, que congela os investimentos em saúde e educação por 20 anos, já aprovada em primeiro turno no Senado por 61 votos a 14, a mobilização concentrou-se na praça do Museu da República e da Biblioteca Nacional, depois marchou pela Esplanada dos Ministérios, com a presença de ativistas de várias frentes, organizações e partidos, tais como: Juntos, Levante Popular da Juventude, POVO SEM MEDO, MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto, MST, UNE - União Nacional dos Estudantes, UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas, dentre outras.”
A Babilônia vai cair - A batalha de Brasília em 29 de novembro de 2016	25’	“Neste documentário curta-metragem, uma produção independente de A Casa de Vidro (www.acasadevidro.com) , buscamos retratar todo o colorido e diversidade do ato que, ao ocupar o gramado em frente ao Congresso, começou a sofrer com a brutal repressão militarizada dos fardados que defendem o regime ilegítimo do usurpador Michel Temer. Dentre as pautas dos manifestantes, além dos onipresentes #ForaTemer e #OcupaTudo, estavam a demanda por uma greve geral "para barrar a precarização"; o protesto contra a permissão concedida ao imperialismo estrangeiro para a espoliação do petróleo no pré-sal brasileiro; a reivindicação de que o STF anule o processo de impeachment de Dilma Rousseff; a demanda de "poder para o povo" a fim de "criar um mundo novo", dentre outras pautas. “
Não temos tempo a Temer - Brasília nas ruas pelo Fora Temer e Diretas Já (24 de maio de 2017)	14’01	“Em uma das maiores mobilizações populares já registradas na capital federal, movimentos sociais organizados, sindicatos de trabalhadores, coletivos autonomistas, estudantes e professores, além de caravanas vindas de todo o Brasil, tomaram conta da Esplanada dos Ministérios e arredores nesta quarta-feira, 24 de Maio. Em repúdio às reformas trabalhista e da previdência, o ato cívico exigiu também o fim do (des)governo golpista de Temer e sua corja, além da convocação de eleições diretas já. Brutalmente agredido pelas forças de repressão, que chegaram a utilizar munição letal, além dos já banalizados recursos de guerra química (gás lacrimogêneo, spray de pimenta etc.), o protesto está retratado em algumas de suas facetas nesta video-reportagem.”
A Irrupção - Documentário, Curta metragem, 27 min, sobre a Assembleia na UFG em 09-11-16	27’03	“"A Irrupção" é um curta-metragem documental que registra os acontecimentos de assembléia docente ocorrida na Universidade Federal de Goiás (UFG), em Goiânia, em 09 de Novembro de 2016, quando seria votada a deflagração ou não de uma greve dos professores. O título "A Irrução", inspirado no texto de Henri Lefebvre sobre Maio de 68

Título	Duração	Ficha Técnica / Descrição
		("L'Irruption), refere-se ao movimento estudantil e sua ação coletiva neste dia.
CARACA: A MULHERADA CHEGOU FORTE! #MulheresPelaDemocracia (Goiânia, 22/05/2016)	10’12	“CARACA: A MULHERADA CHEGOU FORTE!, um filme de Eduardo Carli de Moraes, com co-direção de Gisele Toassa (UFG/GO). As cenas foram filmadas na Marcha Feminista e Anti-Golpista das #MulheresPelaDemocracia, em Goiânia, no Domingo, 22 de Maio de 2016. 10 minutos. Sem censura.”
ESCOLA DE LUTA - Documentário de Eduardo Carli de Moraes (2016, 48 min)	48’41	“O ano de 2016 já entrou para a História como aquele do auge do movimento estudantil secundarista em nosso país - em Outubro de 2016, eram mais de 1.100 escolas e universidades públicas ocupadas pelo Brasil afora. Em Goiás, as okupas e toda a mobilização em prol da Educação Pública não surgiu "do nada", mas construiu-se por todo o ano (e nos anos precedentes também). Este documentário procura registrar alguns dos momentos mais intensos e significativos do movimentos estudantil secundarista aqui em Goiânia, em 2016, em um projeto similar ao do coletivo de mídia independente Desneuralizador que está produzindo um longa-metragem sobre o mesmo tema.”
PRIMAVERA SECUNDARISTA - Ato unificado em defesa da educação pública em 03 de Novembro de 2016	15’59	“Curta-metragem documental filmado em Goiânia, durante o ato unificado em defesa da educação pública, em 03 de Novembro de 2016. A concentração ocorreu na Praça do Trabalhador, na Avenida Goiás. A passeata atravessou o centro da cidade, desfilando pela Praça Cívica, Palácio Pedro Ludovico, Avenida Araguaia, desaguando no Instituto Federal de Goiás (IFG), câmpus Goiânia, ocupado desde 18 de Outubro de 2016. Dentre as palavras de ordem que ressoaram pelos ares, destacam-se: "Da pec, da pec, da pec eu abro mão! Eu quero é dinheiro pra saúde e educação!"; "Não vai ter pec, vai ter luta!"; "Mamãe mandou eu estudar / Pra não virar polícia militar!" - dentre outras pérolas.”
PONTE PARA O ABISMO - Brasília, 13 de Dezembro de 2016: a 2ª Batalha da PEC 55	21’32	“Com 3 documentários realizados sobre "as batalhas da PEC" na capital federal - "Levantem-se!", "A Babilônia Vai Cair" (http://bit.ly/2g2k0Ox), "Ponte Para O Abismo" - esperamos contribuir para o registro histórico das lutas sociais no país, informando a população sobre eventos e mobilizações, antagonismos e conflitos, desesperos e esperanças, distopias e utopias, que fervem hoje no caldeirão do país após a consumação do golpe de Estado que derrubou o governo Dilma. Nosso foco será sempre o retrato da diversidade do real, da pluralidade dos ativismos contestatórios, sejam eles reformistas ou revolucionários, pacifistas ou guerrilheiros, de ação direta ou de resistência passiva, num esforço jornalístico-cinematográfico de abrir janelas, amplas e urgentes, para tudo aquilo que a mídia empresarial, no "País dos 30 Berlusconis" (como diz relatório do Repórteres Sem Fronteira), têm se esforçado, de modo quase criminoso, a omitir e silenciar.”
NÃO MATEM NOSSO FUTURO - Documentário	27’37	“A Casa de Vidro apresenta seu novo documentário, filmado durante o 57º Congresso da UNE - União Nacional dos

Título	Duração	Ficha Técnica / Descrição
57º Congresso da UNE (Brasília, 2019)		Estudantes, ocorrido entre 10 e 14 de Julho em Brasília. e que contou com a participação de 15.000 estudantes de todo o país. SAIBA MAIS: https://wp.me/pNVMz-5rt Além da cobertura do grande ato na Esplanada dos Ministérios em 12 de Julho - "Não Matem Nosso Futuro: Emprego, Previdência e Educação" -, o filme contêm falas públicas de personalidades significativas da conjuntura sócio-política do Brasil tais como: * Guilherme Boulos (MTST - Movimento dos Trabalhadores Sem-Teto / POVO SEM MEDO / Candidato à presidência da república pelo PSOL 50 em 2018); * Gleisi Hoffmann (Deputada federal e presidenta do PT - Partido dos Trabalhadores); * Pedro Gorki (Presidente da UBES - União Brasileira dos Estudantes Secundaristas); * Leci Brandão (Cantora, compositora, lenda viva do samba, deputada estadual em São Paulo pelo PCdoB - Partido Comunista do Brasil); * Iago Montalvão (Eleito o novo presidente da UNE) e Elida Elena (a nova vice-presidente da UNE). “
A Polifonia dos Corpos Insubmissos (Curta Documental) - Produção: A Casa de Vidro Ponto de Cultura	‘18’51	“A obra revela os agitos nas ruas de Goiânia durante o Grito dos Excluídos, em seu 27º ano, que contou com mobilizações em cerca de 200 cidades brasileiras, com a participação de cerca de 300.000 cidadãos (Fonte: Brasil de Fato). Artistas performáticos da cidade – representando entidades como Coró de Pau, Bloco Não É Não e Feteg (dentre outros) – organizaram o Bloco Feminista Cultural e realizaram ações artístico-políticas de teor crítico ao desgoverno federal. Com fuzis de isopor que disparam flores, acompanhadas por batuques conectivos que nos fazem pulsar no mesmo ritmo, os manifestantes encenaram a derrocada do serial killer corrupto e ilegítimo que hoje ocupa o presidência e planejava no 7S fazer colapsar ainda mais a já tão golpeada democracia brasileira. O curta também contem entrevistas com Cida Alves e Geovanna Castro, que propiciam ao espectador o acesso às vivências dos agentes culturais em tempos pandêmicos, revelando facetas de uma cultura de resistência e de uma arte politizada que transforma o luto em luta. Neste pluriverso humano se expressa a polifonia dos corpos insubmissos que dá nome ao filme.”
DESTRUA O FASCISMO ANTES QUE ELE DESTRUA VOCÊ! (Goiânia, 2016, 18 min)	18’19	“Este curta-metragem documental registra os agitos da Marcha Antifascista de Goiânia, ocorrida em 30 de Abril de 2016, quando rolaram dezenas de eventos similares pelo país afora. Em Goiás, a manifesta Antifa congregou as lutas e as pautas estudantis, feministas, LGBT, indígenas, anarquistas, anti-racistas (e por aí vai!). As imagens pretendem oferecer alguns vislumbres de uma galera ruidosamente atuante no combate ao fascismo e sua trupe: racismo, machismo, militarismo, homofobia, xenofobia, autoritarismo, golpismo - e todo o resto do séquito de horrores. O filme inclui cenas da intervenção anarco-cidadã e piromaníaca diante dos "monumentos ao fascismo" da capital de Goiás: caso da estátua do bandeirante-genocida

Título	Duração	Ficha Técnica / Descrição
		Anhanguera (que dá nome também à rede de TV afiliada à Rede Globo) e a sede da Federação das Indústrias de Goiás (um dos antros do golpismo burguês hoje galopante). Também documenta a intervenção popular-insurgente no Monumento Às Vítimas Da Ditadura Militar, localizado à frente do Bosque dos Buritis. O título do filme foi hackeado do cartaz de uma das manifestantes. Na trilha sonora tem Aláfia, Bikini Kill, Against Me!, Pó De Ser, Dead Kennedys, Legião Urbana, além de artistas locais que mandaram ver nos batuques afro e nas estéticas capoeirísticas.”
A GUERRA ÀS DROGAS TÁ MATANDO GERAL - Marcha da Maconha Goiânia 2016 (Curta-metragem, 10 min)	10’26	“Organizada pelo coletivo antiproibicionista Mente Sativa, a marcha dos diambeiros chegou à sua 6ª edição na capital de Goiás. Neste curta-metragem, de 10 minutos, confira um pouco do que rolou nas ruas neste dia em que a galera que queima tudo até a última ponta, com a cabeça ativa e a mente aguçada pelo influxo da cannabis sativa, voltou a demandar a legalização da erva em uma pacífica procissão anarco-democrática.”
ABRE ALAS! - Manifestação em prol da Educação Pública, contra PEC 241 (Goiânia, 18-10-2016)	12’34	“"ABRE ALAS!" - Video-reportagem sobre a Manifestação em prol da Educação Pública, com vigorosa presença dos Secundaristas em Luta - GO, mobilizados contra a PEC 241, a Reforma do Ensino Médio,a Precarização e Privatização das escolas via O$s e militarice, dentre outros alvos. #foratemer #pecdofimdomundo #foramarcon Ato ocorrido @ Praça Universitária, Av. Universitária, Av. Anhangura, BR-153; Goiânia (Goiânia, Brazil); 18 de Outubro de 2016; 12 min. Uma produção independente A Casa de Vidro.)”
NÃO VAI TER FARDA - Lyceu Goiânia Contra a Militarização	19’22	“Entre os anos de 2015 e 2017, cresceu de 26 para 35 o número de escolas públicas estaduais que são administradas pela Polícia Militar em Goiás, estado que está no topo do ranking nacional da educação militarizada. O Lyceu de Goiânia, com 80 anos de história, é a mais antiga escola pública da capital. Agora, o Lyceu está sob ameaça de ser militarizado pelo conluio entre o governo Marconi Perillo (PSDB) e mobilização do Banana Shopping, que argumenta em favor da medida pois "moralizaria o centro" e geraria um melhor clima de negócios. Diante desta escandalosa tentativa de um shopping center ditar políticas públicas de educação, e em repúdio às políticas de educação Marconistas que visam transferir a gestão de escolas para O$s e para a PM, estudantes secundaristas mobilizaram-se nas ruas do centro de Goiânia, em 25 de Outubro de 2017, para dizer um estrondoso "NÃO!" à militarização. “
O CÉU E O CONDOR - Brasília em Transe - 17 de Abril de 2016	12’8	“Este documentário curta-metragem, filmado em Brasília entre 16 e 17 de Abril de 2016, registra os agitos cívicos ao redor da polêmica votação do impeachment de Dilma Rosseff. Inclui cenas do Teatro Oficina e manifestações de rua que reuniram movimentos como MST, MTST, CUT, CTB, UNE, Frente Povo Sem Medo, Frente Brasil Popular, dentre outras.”

Título	Duração	Ficha Técnica / Descrição
TRANSMUTANDO DOR EM LUTA - Insurgências Feministas em Goiânia	28’18	“O filme visa fornecer algumas janelas de acesso a estes agitos democráticos e participativos de uma mulherada que, com coragem e criatividade, vem confrontando o poderio do Patriarcado, denunciando a Cultura do Estupro e demandando uma transformação radical nos nossos enraizados modos de convívio, ainda tão brutais e cruéis em razão da dominação masculina ainda vigente. Palavras de ordem como “machistas, golpistas, não passarão!” e "se cuida, se cuida, se cuida seu machista! América Latina vai ser toda feminista!" deram o tom dos atos. “
AFASTA DE MIM ESSE CALE-SE! - Ato na UFG, 18/11/2016, em memória de Guilherme Irish (1996-2016)	11’54	“"AFASTA DE MIM ESSE CALE-SE!" - Documentário curta-metragem, de 12 minutos, que retrata a manifestação na Universidade Federal de Goiás (UFG), em 18 de Novembro de 2016, último dia de ocupação. O ato ocorreu em defesa da educação pública, ameaçada de precarização com a PEC-55, e teve como destaques as intervenções em memória do camarada Guilherme "Irish" (1996-2016), estudante de matemática da UFG, de 20 anos de idade, assassinato pelo próprio pai em 15 de Novembro. No IME (Instituto de Matemática e Estatística), um comovente jogral, seguido de um minuto de silêncio, celebrou a participação de Guilherme no movimento das ocupações e nas manifestações de rua: "ôôô Guilherme, orgulho de você! Participou da maior ocupação da UFG!" Por todo o câmpus, mensagens pelas paredes bradavam que Guilherme "não morreu em vão" e que foi "mais uma vítima do fascismo". “
MULHERES COMPORTADAS NÃO FAZEM HISTÓRIA - Documentário 8M Goiânia 2019	15’43	“Curta-metragem documental filmado durante o ato do Dia Internacional das Mulheres, 08 de Março de 2019, em Goiânia/GO: MULHERES COMPORTADAS NÃO FAZEM HISTÓRIA. Um filme de Lays Vieira e Eduardo Carli de Moraes. Co-produção: Metamorfose e A Casa de Vidro. Entrevistas com Sara Macêdo Kali, Mariana Lopes, Rosângela Aguiar. Músicas por Larissa Luz, Tássia Reis, Paraíso do Tuiuti.”
A MULHER MOVE O MUNDO - Documentário Mês da Mulher 2018	22’24	“A denúncia do feminicídio e da opressão patriarcal, a construção de sororidade, o lamento pela morte de Marielle e as conclamações pela legalização do aborto e pela maior participação das mulheres nos governos, dentre outros elementos, somaram-se no grande caldeirão de manifestações cívicas deste Março de 2018 em Goiânia.”
PÔ!ÉTICA - Documentário longa-metragem sobre o XIV Festival de Artes de Goiás (IFG)	1:33’39	“Neste documentário longa-metragem, explore durante aprox. 90 minutos alguns dos melhores momentos da 14ª edição do @Festival de Artes de Goiás, uma realização do @Instituto Federal de Goiás (IFG). Filmado em Itumbiara / GO, em Novembro de 2017, o filme contêm cenas de shows com artistas como Mahmundi e RAPadura, vislumbres de peças de teatro e de dança (incluindo a incrível Cia Fusion de Danças Urbanas/MG). Temos também vislumbres do caliente carimbó do Pará com o pessoal do IFP, do grupo de choro do IF Goiânia tocando Pixinguinha, de adaptação cênica para "Morte e Vida Severina", da peça cômica "Júlia" da Cia Cirquinho do Revirado (SC), dentre outras atrações.

Título	Duração	Ficha Técnica / Descrição
		Além disso, bate-papo com Lucas Ceccatto, Samuel Sá, Guará, Morgana Poiesis, Neto (SESC/Itumbiara), além de testemunhos de alunos do IFG que participaram do Festival e criaram obras durante o mesmo. Uma produção independente d'A Casa de Vidro. Filmagem, montagem, sonorização: Eduardo Carli de Moraes.”
VAI PRA PEC QUE TE PARIU! - Ato em defesa da educação pública, Goiânia, 07-11-16	7’48	“Em repúdio ao golpe contra a Educação e a Saúde públicas que nos ameaça com a PEC 241/55, foi realizado nesta segunda-feira, 07 de Novembro, mais um ato cívico, com forte protagonismo do movimento estudantil goianiense, nas ruas da capital. Os manifestantes mandaram seu recado cantando: "Trabalhador, preste atenção: a nossa luta é pela educação!"; "Não vai ter PEC, vai ter luta!"; "Para barrar a precarização: ocupação, ocupação, ocupação!"; além do hit-do-verão: "Acabou a paz! Mexeu com estudante, mexeu com Satanás! (Olha o capeta!)"
NEVOEIRO SALUTAR Curta metragem documental sobre a Marcha da Maconha Goiânia 2017	24’31	“NEVOEIRO SALUTAR, uma realização independente d'A Casa de Vidro, retrata a Marcha da Maconha Goiânia 2017. Documentário de intervenção de 25 minutos, foi filmado e editado por Eduardo Carli de Moraes com inestimáveis colaborações da equipe de comunicação que foi constituída para a cobertura do evento. “
Respeite a Existência ou Espere Resistência - #ForaBolsonaro em Goiânia, 29 de Maio de 2021	8’08	“No dia 29 de Maio, em cerca de 200 cidades, cidadãos saíram às ruas em protesto contra o desgoverno. Confira um pouco do que rolou na capital de Goiás neste documentário produzido por A Casa de Vidro (www.acasadevidro.com). Filmagem e montagem: Eduardo Carli de Moraes. Com fotos de Marcos Aleotti e Katira. Com músicas de Pitty (álbum "Matriz") e Edu Lobo cantando Chico Buarque. “
GOLPE NUNCA MAIS - Goiânia, 31 de Março de 2016	13’56	“GOLPE NUNCA MAIS - Documentário curta-metragem que registra os agitos cívicos em Goiânia, no dia 31 de Março de 2016, um dia em que a cidadania nas ruas deu um show de democracia, participação social e engajamento cidadão. “
MEDO NÓS TEM MAS NÃO USA - Curta-metragem completo (2022, 18 min). Uma produção: A Casa de Vidro.	18’11	“O curta-metragem documental é um retrato do manifesto “Curandeiras da Terra” (que já foi representado por este videoclipe) apresentado no Lago das Rosas/Goiânia, em 1º de Março de 2022, em uma realização que agregou o Bloco Não É Não, o Coró Mulher, o Bloco Feminista Cultural, a Frente Ampla em Defesa da Cultura, dentre outros ativistas e entidades. Na ocasião, realizou-se também uma comovente homenagem à cantora Elza Soares, ícone da cultura brasileira, falecida aos 91 anos de idade em Janeiro de 2022 (leia em nosso site: A voz de libertação que cantou até o fim). Lançado em 03 de Agosto, às 20h, em um cinedebate no ponto de cultura A Casa de Vidro, o filme foi batizado com uma frase de Margarida Alves, “símbolo da luta das trabalhadoras do campo por direitos, assassinada por latifundiários e que inspirou a Marcha das Margaridas”, como reportado por Brasil de Fato”

Título	Duração	Ficha Técnica / Descrição
CANNABIAN CARNIVAL - Toronto Global Marijuana March 2014	12’58	“Neste documentário curta-metragem, acompanhe alguns dos melhores momentos da Marcha, que concentrou-se no Queen's Park e depois desfilou pelas ruas Bloor e Yonge, duas das mais importantes vias da metrópole. Toronto parou para ver o carnaval cannábico passar. O filme inclui entrevistas exclusivas com um ativista da organização internacional Dads for Marijuana; com uma trabalhadora de um Clube da Cannabis Medicinal (que auxilia pacientes no processo de conseguir prescrições médicas); com um cadeirante que se vale do uso da cannabis para melhorar sua condição de saúde; entre outras "figuras" que deram as caras neste mega-evento. No filme, confira também um pouco da música ao vivo que rolou na Marcha e algumas imagens documentando todo o agito das ruas, tomadas por manifestantes que demandavam a legalização plena da maconha no país.”
“NÃO TEM ARREGO!” - MANIFESTAÇÃO: SECUNDARISTAS EM LUTA, GOIÂNIA, 19 09 16	16’18	Sem descrição / ficha técnica
EleNão.doc: Mulheres Contra o Fascismo (Goiânia, 2018, 16 min) - Uma produção A Casa de Vidro.	16’14	“Em 29 de Setembro de 2018, estima-se que mais de 1 milhão de pessoas participaram das manifestações #EleNão - em repúdio ao então candidato à presidente Jair Bolsonaro - em todos os 27 estados do país. Além de entrevistas com cidadãos que estão engajados com os movimentos democrático-populares, como Diane Lula Da Silva Valdez e Marnei Fernando, o filme registra também os agitos culturais e artísticos, como os batuques do Coró Mulher e as poesias declamadas por Pilar. O filme busca ser um registro histórico dos acontecimentos que já marcaram época, sendo também um projétil audiovisual de intervenção e de ativismo, animado pela convicção de que não há possibilidade de "ficar em cima do muro" em uma época como a nossa. Além dos agitos do dia 29 de Setembro, o filme também registra os eventos da véspera, quando ocorreu um grande comício petista com a presença do candidato à Presidência Fernando Haddad.”
GREEN POWER - The People’s Climate March in Toronto, Canada, 2014	14’59	Sem descrição / ficha técnica

Fonte: Quadro feito por Renato Barrete Marcelino de Lima, conteúdo disponível na página https://www.youtube.com/watch?v=KvL98FiqiHw&list=PLatC4gvi1ec-UtAP2CTZ68Kc6c9_rtRDF (2022).

Esses materiais disponibilizados formam um grande acervo audiovisual que refletem as possibilidades de produção artística dialogando com o contexto histórico, social, cultural e político num nível local, nacional e até global. Para o coletivo

> Assim caminhamos, na construção coletiva e comum de um outro mundo possível neste microcosmo onde a colaboração e criatividade são turbinados, sempre plugando consciências no amplificador! (A CASA DE VIDRO, 2019).

Imagem 1 - Frame do documentário (18’51) “Escola de Luta”, direção de Carli de Morais, uma produção de “A Casa de Vidro Ponto de Cultura”

Fonte: https://www.youtube.com/watch?v=UmzVhAUhSOY&list=PLatC4gvi1ec-UtAP2CTZ68Kc6c9_rtRDF&index=6 (2016).

O documentário “Escola de Luta”, de 2016, registra em Goiânia os movimentos de resistência dos estudantes secundaristas naquele ano, onde várias escolas e universidades públicas foram ocupadas por seus discentes em todo o Brasil. Em Goiás esse levante se deu devido à desvalorização das escolas públicas estaduais promovidos pelo então governador Marconi Perillo (PSDB), que contava com ações como a militarização das escolas e entrega da administração nas mãos das Organizações Sociais (OS 's).

> O filme busca agregar os recursos audiovisuais à disposição no sentido de forjar uma obra preocupada com uma montagem que permita ao espectador imergir, acompanhar o fluxo, abrindo chances cinematográficas para uma empática conexão com as pessoas aqui retratadas, pelo cineasta, com muito entusiasmo e concórdia. Minha intenção primeira foi a de possibilitar aos espectadores, a maioria deles ausentes nestas manifestações, uma oportunidade de serem comovidos, ou até transformados, pelos discursos e feitos retratados. (ESCOLA DE LUTA, 2016, s.p.).

Para nós, pesquisadores, futuros professores, essas produções audiovisuais enquanto pedagogias da cultura, marcam as inúmeras portas que temos abertas para um ensino de Artes Visuais que possam descolonizar o olhar através da politização e conscientização de jovens acerca de movimentos sociais e políticos que reivindicam

o direito de se expressarem e se colocarem como sujeitos de direito na sociedade atual. Afinal esses movimentos possuem caráter educativo onde “[...] as pessoas e grupos aprendem a se organizar, a se reconhecer, e se fazer reconhecer, a se posicionar diante das forças sociais.” (MASCARENHAS, 2004, p. 22).

Várias mídias emergem nos contextos locais, em tempos de compartilhamento rápido e instantâneo de notícias, de histórias que nascem a todos os momentos e em todos os cantos, de *fake News* encaminhadas em grupos e mais grupos de WhatsApp, precisamos dos registros que buscam informar, mas sem alienar, as formas como a população reage aos seus momentos de negacionismo. As “mídias ninjas” e livres presta o favor a população de chegar aonde ambientes corporativos, acostumados a contar apenas um lado da história, não estão habituados: o lugar onde ocorre as manifestações das massas, onde a construção de contra narrativas como formas de oposição a uma visualização única da história reivindicam o direito de olhar como nos indica Mirzoeff (2016).

4.2 A TOCA COLETIVO

Com espaço-sede atualmente no bairro Criméia Leste da capital, A Toca Coletivo iniciou suas atividades no ano de 2014 passando pelo Setor Sul e logo após Jardim América. O coletivo caracteriza-se por um local de coworking e economia criativa, “*Um coletivo de criadores e agentes das áreas cultural e social"* (A TOCA COLETIVO), que buscam a partir da criatividade e da ação abrigar diferentes áreas, como

> música, gastronomia, cinema, teatro, artes plásticas, gestão ambiental, literatura, produção artística, entre outros, oferece um local de expressão cultural com ampla estrutura para que os artistas possam divulgar seus trabalhos e interagir com o público, prevê ainda a geração de renda no campo da arte e da cultura, através das atividades de formação, pagamentos de cachês, shows, apresentações, exposições e etc… (A TOCA COLETIVO, 2021).

No contexto da pandemia do coronavírus em 2020 o coletivo sentiu a necessidade de se reinventar, com os protocolos de biossegurança vigentes e a atuação presencial limitada, tem-se a aprovação do projeto #entocados, primeiro aprovado após chancela como Ponto de Cultura, que tem como característica ser “[...] *a primeira plataforma gratuita de conteúdo cultural por demanda de Goiânia.*” (A TOCA COLETIVO, 2021).

O projeto #entocados conta com divulgação nas redes sociais do coletivo (instagram e site) e disponibiliza no seu canal do YouTube conteúdos sobre literatura, cinema, teatro, música, circo e resgate das histórias do bairro Crimeia Leste, local de onde muitos dos seus integrantes possuem raízes. O objetivo do projeto é "[...] *democratizar o acesso da população, abrigando diariamente conteúdos culturais e criativos, inéditos, não presentes em outras plataformas digitais.*" (A TOCA COLETIVO, 2021).

A partir desse projeto o coletivo se organizou para dar visibilidade a cada uma das áreas listadas acima, sendo que seu conteúdo foi veiculado semanalmente de abril a outubro de 2022, contando com a Segunda Literária, Resgate do Jornal Crimeia, Quarta Teatro, Quinta Cinema, Sexta Musical e Sábado no Circo.

A Quinta Cinema contou com uma programação variada que incluiu cine debates, divulgação e crítica de produções locais, resgate da história do cinema local e da videoarte, bate-papo com produtores de cinema, etc. Essa programação constitui acervo rico sobre o cinema, destacando especificidades do cinema goiano com vistas a buscar a valorização do regional, constituindo uma importante fonte de conteúdos pedagógicos tanto para o professor de Artes Visuais que deseja trabalhar com a temática do cinema, quanto para os estudantes. Abaixo segue a relação desses conteúdos produzidos durante o ano de 2022.

Quadro 2 - Ações e conteúdos propostos na Quinta Cinema pelo Coletivo A Toca

Data	Ação	Conteúdo
31/03/2022	Cineclube Entocados	Exibição do filme "Kris Bronze", direção de Larry Machado.
31/03/2022	Bate-papo com diretor	Filme "Kris Bronze", direção de Larry Machado.
07/04/2022	Painel sobre Animação em Goiás	produção, política e mercado.
14/04/2022	Painel sobre Animação em Goiás	produção, política e mercado.
28/04/2022	Cineclube Entocados	Exibição do filme "Mañana C'est Carnaval", direção de Alyne Fratari.

Data	Ação	Conteúdo
28/04/2022	Curiosidades sobre set de filmagens	Filme “Mañana C’est Carnaval”, direção de Alyne Fratari.
05/05/2022	Cineclube Entocados	Exibição do curta-metragem “O malabarista”, direção de Iuri Moreno.
05/05/2022	Bate-papo com diretor.	Curta-metragem “O malabarista”, direção de Iuri Moreno.
12/05/2022	Exibição do videoclipe “Mata Fechada” da banda “Urutu do Olho Fechado”.	Exibição do videoclipe e comentários da diretora Alyne Fratari.
19/05/2022	Conteúdo sobre História do Cinema	“A primeira exibição de cinema em Goiás” com Alyne Fratari.
25/05/2022	Notícia sobre a estreia do diretor Angelo Lima no Cine Cultura em Goiânia.	Filme “Confaloni” do diretor Angelo Lima.
02/06/2022	23º Fica (Festival Internacional de Cinema e Vídeo Ambiental) da Cidade de Goiás.	Alyne Frutaria fala sobre a trajetória do Festival e destaques da 23ª edição.
09/06/2022	Painel “Produção Executiva Audiovisual em Goiás”	Alyne Frutaria recebe as produtoras executivas Cecília Brito e Lara Morena para bate-papo sobre produção e mercado em Goiás.
16/06/2022	Cineclube Entocados	Documentário “Histórias que moram no mercado”, direção de Alyne Fratari.
23/06/2022	Cineclube Entocados	Documentário “Canto do Rio - A Convivência comunitária pós-várzea”, direção de Ricardo Edilberto.
01/07/2022	Conteúdo sobre História da “VIDEOARTE”	Alyne Fratari fala sobre o surgimento e processos de criação em videoarte.

Data	Ação	Conteúdo
07/07/2022	Bate-papo com o roteirista, diretor e produtor audiovisual Raphael Silva.	FAVERA - Festival Audiovisual do Vera Cruz.
14/07/2022	Bate-papo com o pesquisador sobre cinema negro Wadson Alvin e Vanessa Goveia	“Cinema Negro e o Negro no Cinema Goiano”.
21/07/2022	Cineclube Entocados	Exibição do filme “O Retorno de Vênus”, direção de Vanessa Goveia.
04/08/2022	Cineclube Entocados	Exibição do filme "Descrição da ilha da saudade ou Baudelaire e os teus cabelos", direção de Alyne Fratari.
11/08/2022	Curiosidades sobre set de filmagens	"Descrição da ilha da saudade ou Baudelaire e os teus cabelos", direção de Alyne Fratari
18/08/2022	Divulgação do IX FAVERA (Festival de Audiovisual do Vera Cruz)	Programação das mostras do IX FAVERA, que ocorreu de 18 a 21 de agosto de 2022.
28/08/2022	Cineclube Entocados	Exibição do filme “O filme que nunca existiu” e bate-papo com o diretor Sérgio Valério.
28/09/2022	Cineclube Entocados	Exibição da animação goiana “A menina atrás do espelho”, direção de Iuri Moreno.

Fonte: Quadro feito por Renato Barrete Marcelino de Lima, conteúdo disponível na página https://www.atocacoletivo.com.br/entocados/categories/cinema (2022).

A programação montada para a “Quinta Cinema” nos fornece um panorama amplo sobre como são pensadas, como se referem e como utilizam da linguagem cinematográfica. Vem também nos contar, ao seu público, desde alguns momentos específicos da história do cinema, nesse caso o goiano, até tentar nos aproximar de algumas produções e produtores de audiovisuais na cena local, proporcionando a ampliação do nosso repertório. Muitas vezes somos limitado pelas grandes produções

mundiais, principalmente hollywoodianas, que se disseminam com maior facilidade e que, quase sempre, trazem releituras constantes do mesmo tema, de imagens que exaltam e banalizam a violência.

> Muito se tem dito e escrito a respeito da hegemonia de uma estética da violência nas mídias audiovisuais, iniciadas pela indústria cinematográfica e suas narrativas. Muitos são os pontos de vista a respeito, entre os quais destacam-se, de um lado, a discussão sobre transformação em mercadoria das produções artísticas e dos bens culturais em geral, como desdobramento do processo de massificação da cultura, e, de outro, a crítica que aponta banalização da violência não só nas imagens e histórias contadas, sejam ficcionais ou não-ficcionais, bem como no formato e modos de veiculação. (MARTINS, 2013, p. 36).

O que a professora e pesquisadora do tema Alice Fátima Martins nos diz sobre isso centra-se na ideia de que os modos de produção e acumulação do capital na pós-modernidade, uma vez que os mesmos não produzem apenas mercadorias, mesmo as culturais, cumprem um papel que é motivado pela necessidade própria desse sistema partindo do pressuposto de que se deve produzir excedentes que não vão atender a necessidades objetivas das pessoas, mas o de dar continuidade a um ciclo onde são criadas “novas e sempre insaciáveis necessidades” (MARTINS, 2013, p. 36).

É necessário levantar essa discussão pois muito do que jovens e crianças possuem de repertório de filmes está presente em plataformas de streaming, como a Netflix. Uma passada rápida por essas plataformas nos permite perceber que parte significativa dos seus conteúdos veiculam esse tipo de linguagem, da violência. Mesmo quando olhamos para produções infantis vemos que essas trazem narrativas que naturalizam certos conflitos que se situam entre o “bem” e o “mal”, e que serão reproduzidas e naturalizadas nos seus imaginários e até no contato com o real.

Considerar possível trazer para a sala de aula formas de produções alternativas e próximas do cotidiano na nossa sociedade brasileira e goiana, é, além de valorizar aquilo que é nosso, oportunizar que sujeitos em formação tenham conhecimento acerca do que se produz e como se produz num contexto local. É uma chance de enriquecer o repertório cultural dos estudantes com cenas que, por estarem diretamente inseridos nas nossas especificidades culturais, podem construir múltiplos sentidos a partir de diálogos com estudantes e professores utilizando da linguagem cinematográfica.

Imagem 2 - Frame do documentário (9’55) “Histórias que moram no mercado”, direção de Alyne Fratari

Fonte: disponível em https://www.youtube.com/watch?v=zJDQTAR-7Yk&t=7s (2022).

Um exemplo dessa possibilidade reside no documentário da diretora e produtora goiana Alyne Fratari, intitulado “Histórias que moram no mercado”, onde a cineasta faz um resgate das memórias e histórias que envolvem o Mercado Municipal de Goiânia, trazendo à cena os próprios autores dessa história, os comerciantes do Mercado.

> Entre afetos, lembranças boas, e outras nem tanto, o filme passeia pelo mercado e pelas memórias dos seus permissionários mais antigos, e são eles, que construíram suas vidas, dentro do mercado, que com graça e leveza, constroem a narrativa dessa história. (HISTÓRIAS QUE MORAM NO MERCADO, 2022).

Presente na maioria das capitais e grandes cidades os mercados populares guardam histórias que se relacionam com o desenvolvimento dos grandes centros urbanos, possuidores de uma estética pessoal que advém dos seus produtos majoritariamente naturais e diversos. São espaços potenciais para a elaboração de propostas pedagógicas que dialogam com a memória a partir da construção de visualidades. É preciso que seja proporcionado aos estudantes, além da ampliação do próprio repertório, a conscientização de que espaços não institucionalizados, como

galerias e museus, também são espaços que contribuem para sua formação e que carregam parte significativa da nossa história.

4.3 CASA DE CULTURA DA JUVENTUDE “INSTITUTO EDUCAÇÃO CULTURA E VIDA”

A “Casa de Cultura da Juventude - Instituto Educação Cultura e Vida” atua em Goiânia, mais precisamente no Jardim Guanabara, desde 2012, sendo reconhecida pelo Cultura Viva como Ponto de Cultura em 2017. Tem como objetivo

> [...] proporcionar ações que visam o acesso da comunidade principalmente aqueles em situação de vulnerabilidade social, proporcionando por meio da promoção da assistência cultural e social às minorias, a difusão do conhecimento e o combate à exclusão, fortalecendo sua autonomia para a efetivação da cidadania, procurando quebrar as paredes invisíveis que separam as periferias dos outros bairros da cidade. (CASA DE CULTURA DA JUVENTUDE, 2021).

Dentre seus projetos e ações, ofertaram nas seguintes áreas (quadro abaixo) no início de 2022 cursos com vagas prioritárias

> a portadores de necessidades especiais, pessoas beneficiárias de bolsas e de projetos sociais governamentais, CADÚnico, estudantes de escola pública, adolescentes, jovens e adultos de baixa renda, e moradores de áreas rurais acima de 10 (dez) anos de idade. (CASA DE CULTURA DA JUVENTUDE, 2021).

Quadro 3 - Atividades oferecidas pela Casa de Cultura da Juventude no ano de 2022

Atividade	**Idade**	**Nº de vagas**
Iniciação Musical: Violão	10 anos acima	10 vagas
Iniciação Musical: Canto Coral	10 anos acima	10 vagas
Iniciação Musical: Teclado	10 anos acima	10 vagas
Iniciação Musical: Bateria	10 anos acima	10 vagas
Iniciação Musical: Instrumentos de corda (violão, violino, violoncelo, viola clássica)	10 anos acima	10 vagas
Discotecagem (DJ)	10 anos acima	10 vagas
Danças Urbanas	14 anos acima	10 vagas

Fonte: Quadro feito por Renato Barrete Marcelino de Lima, disponível na página https://www.casadeculturadajuventude.com/ (2022).

Ofereceram também cursos de formação profissional de Barbeiro, Mídias Sociais, Rotinas Administrativas e Serviços de Beleza, em parceria com os Colégios Tecnológicos de Goiás (COTEC). Assim, seguem propondo tanto a ampliação do repertório artístico e cultural dentro de sua comunidade, quanto o acesso à formação e capacitação de seus membros.

Em 2014 estreou na TV UFG / TV Brasil (Goiânia - GO) o “Programa Hip Hop em Cena”, sendo ele “[...] o primeiro e único Programa em TV Aberta destinado à Cultura Hip Hop no Estado de Goiás. Uma produção independente de responsabilidade da CASA DE CULTURA DA JUVENTUDE.” (CASA DE CULTURA DA JUVENTUDE, 2021). Contando com quase dez anos de atuação visibiliza o trabalho da comunidade Hip-Hop na capital

> trazendo em seu conteúdo audiovisual, entrevistas com artistas e personalidades ligadas à cultura Hip Hop e a Cultura Urbana, vídeo clipes, cobertura de eventos regionais e nacionais proporcionando uma maior visibilidade para esse segmento artístico-cultural em nosso estado. (CASA DE CULTURA DA JUVENTUDE, 2021).

O programa “Hip Hop em Cena” incentiva, valoriza e destaca a produção da cultura hip hop na capital goianiense, usando da linguagem audiovisual para visibilizar uma arte diversa, que engloba desde produções artísticas em diferentes linguagens como a música, a dança e o grafite, até vestimentas e comportamentos sociais, sendo que essas manifestações tanto representam quanto contestam a realidade dos jovens das periferias de grandes centros urbanos.

Imagem 3 - Frame do “Programa Hip-Hop em cena” (1’35) apresentando a Rua do Lazer (Rua 8) no centro de Goiânia, onde os grafites encantam o olhar de quem passa

Fonte: disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-gwv_uHMONk&t=10s (2021).

Imagem 4 - Frame do “Programa Hip-Hop em cena” (1’48) apresentando a Rua do Lazer (Rua 8) no centro de Goiânia, dando destaque aos grafites de diferentes artistas no local

Fonte: disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-gwv_uHMONk&t=10s (2021).

A existência de um programa em rede de televisão aberta que valoriza e documenta as movimentações culturais desses grupos, é evidência de que as culturas

de ruas são marcadas não por cenas que as relacionem a criminalidade e a violência nas cidades, como querem apontar as grandes mídias de sensacionalismo jornalístico, mas por toda uma expressividade que nasce e se desenvolve a partir das experiências que a própria sociedade empurra para as margens. Célio Turino nos fornece pistas sobre essa problemática ao afirmar as especificidades e necessidades desses grupos frente a sociedade.

> Os grupos sociais, quaisquer grupos, precisam e querem ver-se no espelho e saber que a imagem refletida é aquela que desejam refletir, seja por meio audiovisual, exposição, dança, literatura, música ou na política. Reconhecer-se no espelho é vital para a formação da personalidade humana, quanto mais de sociedades. Isto é protagonismo. Muito dos desajustes sociais e violência que vivemos nas grandes cidades é resultado da impossibilidade por que passa a imensa maioria das pessoas em ter o direito de se ver e ser visto. (TURINO, 2010, p. 16).

É a partir da própria negação da sociedade em reconhecer e celebrar essas formas de expressões da cultura, que são parte importante da nossa constituição enquanto tal, que esses grupos se organizam para esses levantes. Para buscar formas e meios próprios de visibilizar e informar que nos bairros de periferias também se produz arte e cultura ao mesmo tempo que possibilitam aos seus próprios coletivos seu acesso, na tentativa de contestar as narrativas que querem conformá-los em espaços de exclusão e segregação reivindicando a forma como querem e devem ser vistos.

4.4 COLETIVO JUSTINA

Durante o projeto de extensão “Memórias de nossa Infância Negra”, realizado no ano de 2016 pela UFG, nasceu o Coletivo Justina. Com sede atual no Setor Marista Sul em Aparecida de Goiânia, tendo como característica principal a itinerância, levando suas ações a diferentes espaços, cidades e até outros países da América Latina. Recebeu no ano de 2021 a chancela de Ponto de Cultura do governo federal.

> Justina é a matriarca da segunda geração pós 1888 – ano que formalmente é abolido a escravidão no Brasil. Vó de Brazimar Rodrigues e bisavó de Takaiúna, Justina batiza o nome desse Coletivo de arte comunitária e ancestral. (COLETIVO JUSTINA, 2021, p. 4).

Suas propostas socioculturais dialogam com diversas linguagens artísticas e culturais, pois adotam

> [...] como prática estética-política, o exercício que cabe em vários segmentos artísticos-culturais. Artesanato, Teatro, Música e Performances são algumas das dinâmicas onde o criar coletivamente se coloca. Tem sua obra inspirada na fronteira entre a ancestralidade e o comunitário. (COLETIVO JUSTINA, 2021, p. 4).

No ano de 2021, foi realizada a “ExpoAparecida”, exposição realizada no formato online que trouxe produções de artistas aparecidenses, com esculturas de Maicon Soares, crochê da Toinha e máscaras de Brazimar Rodrigues, a fotografia da exposição foi de autoria de Roger Thomas. Tiveram também Oficina de Teatro para crianças e adolescentes, Oficina de Dramaturgias Emergentes, lançamento da Revista Justina, periódico mensal digital e impressa que teve edições em abril, maio e junho.

Nesse mesmo ano, também teve a “Oficina de Fotografia de Bolso”, com o atual gestor cultural do coletivo, Pablo Lopes. A “Oficina de Fotografia de Bolso” foi realizada no formato online, com três encontros síncronos nos dias 11, 12 e 13 de março, com duração de 1h30’. A fotografia de bolso refere-se a prática fotográfica realizada a partir de dispositivos móveis (celulares smartphones) que contém câmera, sendo o nome uma referência a esses aparelhos que guardamos no bolso, sua metodologia faz parte da mobgrafia, da arte visual através de aparelhos móveis. Abaixo contém algumas fotos produzidas durante a realização da oficina.

Imagem 5 - Fotografia de bolso

Fonte: fotografia cedida por Pablo Lopes (2021).

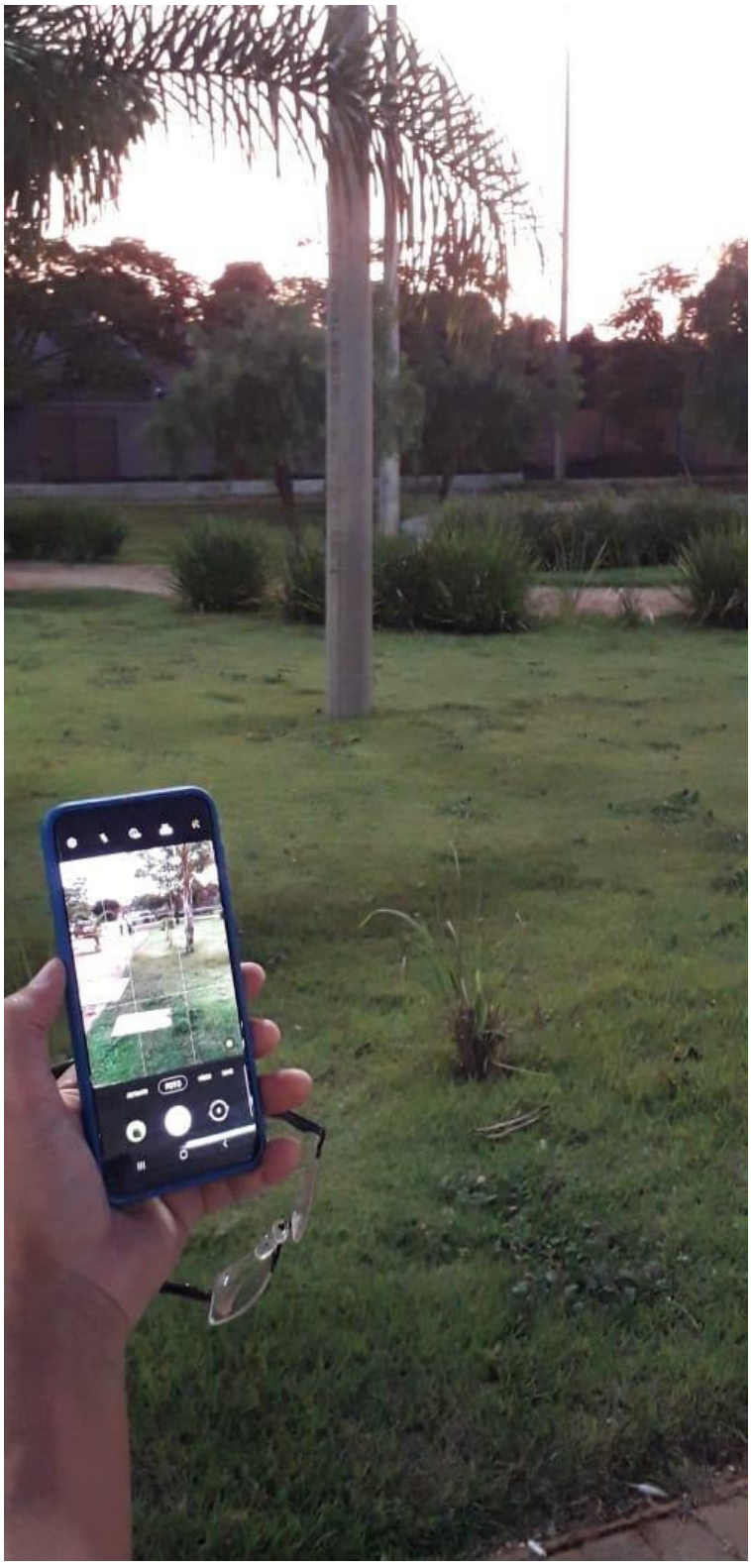
Imagem 6 - Fotografia de bolso

Fonte: fotografia cedida por Pablo Lopes (2021).

Imagem 7 - Fotografia de bolso

Fonte: fotografia cedida por Pablo Lopes (2021).

Imagem 8 - Fotografia de bolso



Fonte: fotografia cedida por Pablo Lopes (2021).

Uma oficina de Fotografia de Bolso é de uma potencialidade gigantesca, proposta num contexto de ensino comunitário e não-formal de arte, mas que pode ser trazida para o ensino formal na educação básica. Tanto a maioria dos jovens possuem acesso ao aparelho para uso pessoal, quanto algumas escolas públicas também disponibilizam de aparelhos com câmeras fotográficas para as ações didático-pedagógicas, um exemplo disso é quando as escolas municipais de Goiânia receberam em agosto de 2021 uma maleta contendo 30 tablets e notebook para o projeto Aula Digital. (GOIÂNIA, 2021).

No ano de 2022, foi realizada a “Oficina de elaboração de portfólio para artistas”, também com Pablo Lopes, com um encontro presencial no dia 09/08/2022, das 9h às 12h. Enquanto futuro professor de Artes Visuais, futuro egresso de um curso de licenciatura, compreendo hoje a importância do uso de portfólios para organização dos meus próprios trabalhos artísticos e para a avaliação dos estudantes pois ele “[...] aparece como uma modalidade de avaliação que começou a difundir-se nos âmbitos escolar e universitário.” (HERNANDEZ, 2000, p. 164). Porém, é importante ressaltar, que meios para a sua construção e constituição não aparecem como disciplina obrigatória da nossa grade, contrário ao que acontece na modalidade do bacharelado, sendo abordado apenas dentro de uma disciplina de nome Cultura, Currículo e Avaliação em Arte.

4.5 CENTRO DE CIDADANIA NEGRA DO ESTADO DE GOIÁS (CENEGO-GO)

O Centro de Cidadania Negra do Estado de Goiás, fundado em maio de 2003, sigla CENEG-GO, está localizado na região do Jardim Novo Mundo no município de Goiânia, estado de Goiás. Seu trabalho está focado na prestação de serviços às comunidades afro-brasileiras, indígenas e outros povos tradicionais, através de assistência social, promoção do acesso e produção da cultura hip-hop, artes e cidadania, criando um espaço aberto para manifestações culturais da periferia, cursos de qualificação e profissionalização, seminários e debates sobre diversidade cultural, utilizando-se do conceito de artes integradas. Alguns de seus programas são o Centro de Referência da Juventude, Ressocializando com Arte e Cidadania, Casa Apoio/Abrigo para as comunidades tradicionais, Feira Afro empreendedora de Goiânia e Ponto de Cultura Hip-Hop e Juventude.

Durante o ano de 2022, ofertaram de forma gratuita oficinas/atividades artísticas e esportivas nas seguintes áreas:

Quadro 4 - Oficinas, números de vagas e turmas e faixa etária das oficinas e atividades artísticas oferecidas pelo Ceneg-Go em 2022

Atividade	Nº de vagas	Idade	Nº de turmas
Muay Thai	30 vagas	7 acima	2 turmas
Capoeira	30 vagas	8 acima	1 turma
MC/Rap	30 vagas	8 acima	1 turma
Percussão	50 vagas	10 acima	2 turmas
Breaking / Danças Urbanas	30 vagas	7 a 16 anos	1 turma
Dee Jay - DJ	30 vagas	6 a 9 anos	1 turma
Grafite	30 vagas	8 acima	1 turma
Musicalização Canto	Não informado	6 a 9 anos e 10 a 14 anos	2 turmas
Jiu-jitsu	Não informado	13 acima	2 turmas
Teatro	Não informado	9 a 12 anos e 13 acima	2 turmas
Violão	Não informado	15 a 22 anos e 23 acima	2 turmas

Fonte: Quadro feito por Renato Barrete Marcelino de Lima, conteúdo disponível na página https://ceneggo.org.br/ (2022).

O Ceneg-Go também promove o “Seminário Goiano de Comunidades Negras e Povos Tradicionais”, que teve sua 5ª edição realizada em dezembro de 2022 com o tema “Políticas Públicas Já”, com apoio financeiro do Governo de Goiás. Na ocasião contaram

> [...] com a participação de várias caravanas de todo território goiano, prestigiando dois dias intensos de grandes atividades socioculturais afro-brasileiras, indígenas e de toda essa população considerada povos tradicionais. Aconteceu lançamento de livros na ocasião, aconteceu mostras culturais dessas populações, à saber indígenas, ciganas, congo, da comunidade hip-hop, capoeira e tantas outras. (DOCUMENTÁRIO..., 2022, transcrição própria).

Da diversidade sociocultural presente e vivenciada nos dois dias da última edição do seminário, algumas falas emergiram sobre essa multiplicidade de

linguagens e povos, como as do Grupo Congo Vilaboense, Comunidade Indígena Karajá, Comunidade Indígena Xingu (território que abrange seis povos indígenas), Comunidade Quilombola do Mesquita, Quilombo Alto Santana, Comunidade Hip-Hop, Capoeira. Dentre as falas que emergiram destaquei três para o trabalho.

> Eu me chamo Divina Mendes Peixoto, eu sou esposa do José de Arruda Peixoto que é o Rei do Congo da Cidade de Goiás. O congo é uma cultura que desde quando eu casei meu esposo já dançava no congo, então a gente vem representando e toma conta, né?! Da dança lá em Goiás, das roupas do evento, toma conta das roupas, faz as roupas e quando é pra sair a gente sempre tá junto, né?! Combo Vilaboense de Goiás. (DOCUMENTÁRIO..., 2022, transcrição própria).

Imagem 9 - Frame do documentário (1’19) do 5º Seminário Goiano de Comunidades Negras e Povos Tradicionais, com apresentação do grupo Congo Vilaboense de Goiás

Fonte: disponível em: https://www.facebook.com/MRBLACKDOCRJ/videos/530390132475220/ (2022).

Os Congos, ou Congadas (imagem anterior), são festas de representação da coroação do Rei e Rainha do Congo através de cortejos dançados e cantados, rememorando ao passado da civilização Banto, formada há mais de 4 mil anos no continente africano. É uma tradição que se inicia ainda no período colonial e ocorre em vários estados brasileiros, contando com sincretismos religiosos que inserem missas, orações e novenas nas comemorações. Essas cerimônias, repletas de significados, possuem um apelo visual muito grande nas cores, brilhos e formas que estão presentes nas roupas e nos instrumentos musicais que acompanham os cantos, é uma tradição que normalmente passa de uma geração para outra.

> [...] estamos todos irmanados em demonstrar que os negros e os povos originários, de terreiro, quilombolas, precisam ter mais visibilidade dentro dos espaços de poder porque todos nós somos responsáveis pela construção desse país, não podemos ficar só nos bastidores, precisamos estar a frente e dizendo o que precisamos, o que sentimos, para que nós possamos ser atendidos. As políticas públicas precisam nos dar voz, porque a cidadania só é observada depois que somos visíveis, ninguém dá crédito às pessoas inviabilizadas. (DOCUMENTÁRIO..., 2022, transcrição própria).

Fernando Hernandez propõe a cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito, ou seja, abrir aos sujeitos a possibilidade de questionar a si mesmo do seu papel e contribuição dentro de uma sociedade, tendo como plano de fundo a disseminação de visualidades. Afinal "[...] o que vemos forma parte e ao mesmo tempo produz um discurso que regula não apenas o olhar, mas quem olha". (HERNANDEZ, 2011, p. 36). Daí a importância que Maura Campos dá ao ser visível, pois quando vemos diferentes povos, de diferentes formações sociais, se reunindo em nome da diversidade, visualizamos também a importância desses sujeitos na construção da sociedade brasileira.

Imagem 10 - Frame do documentário (2'57) do 5º Seminário Goiano de Comunidades Negras e Povos Tradicionais, com a mesa de abertura do evento que contou com mulheres de comunidades tradicionais (cigana, indígena, quilombola e de matriz africana).

Fonte: disponível em: https://www.facebook.com/MRBLACKDOCRJ/videos/530390132475220/ (2022).

A musicista, doutora e professora de contrabaixo Sonia Ray, da Escola de Música e Artes Cênicas (EMAC) da UFG, também esteve presente no evento para lançamento do livro “Benin-Brasil: Arte, Raça, Crença e Cultura, um estudo iconográfico”, Editora UFG, 2022, na oportunidade disse

> [...] aqui nesse evento, nesse 5º Seminário Goiano que reúne as matrizes de origem africana, além de ser um evento extremamente importante pras comunidades envolvidas, é muito importante para atrair a atenção das pessoas de fora dessas comunidades pra importância que elas têm por que nós estamos todos convivendo no mesmo lugar. Então não só as comunidades de matrizes africanas têm que se reunir, lutar, reivindicar seus direitos, mas também pra isso temos que nos fazer visíveis, então acho importantíssimo que esse evento esteja acontecendo [...]. (DOCUMENTÁRIO ..., 2022, transcrição própria).

Nesse evento destaca-se a forma como diferentes povos tradicionais se reúnem para celebrar sua diversidade e contribuições para com a cultura brasileira, uma vez que “Ponto de Cultura também é uma contribuição para exercícios de descoberta, tolerância e respeito mútuo.” (TURINO, 2010, p. 16-17). Congregar e vivenciar essa diversidade de comunidades, produções e manifestações da cultura, possibilitam ampliar nossa percepção sobre diferentes povos e culturas que tiveram e têm papel importante na construção e na formação do nosso país que perduram na atualidade.

ALGUNS APONTAMENTOS FINAIS

Considero possível fazer alguns apontamentos que indiquem a finalização desta pesquisa, uma vez que essa atividade pressupõe o alcance de determinados objetivos. Porém não pretendo me desvincular da ideia de que muito do que se produz e será produzido nos Pontos de Cultura da cidade de Goiânia e Aparecida de Goiânia ainda deve ser trazido em propostas futuras que se vinculam a produção de conhecimento em várias áreas, principalmente da arte-educação que possui uma carência, quase inexistência, em tentar refletir sobre os aspectos culturais, artísticos e educativos desses espaços.

A metodologia utilizada possibilitou o levantamento de produções acadêmicas sobre Pontos de Cultura nas diferentes áreas, evidenciando uma carência dessas quando se delimitou o espaço geográfico e a área de conhecimento. Por outro lado, no que se refere às produções e proposições artísticas e socioculturais desses grupos foi possível uma imersão profunda em variadas formas de veiculação utilizando diversas linguagens, que contribuíram para reflexões a partir do levantamento de dados primários construídos e publicados pelos próprios coletivos. Afirmo então que a metodologia contribuiu deveras para os objetivos desta pesquisa, mas considero que uma aproximação com os ambientes reais onde funcionam esses espaços, outros que não os digitais, assim como conhecer seus membros e comunidades, trará à tona outras reflexões, outros caminhos, outros encantamentos.

Vimos que dentre as linguagens artísticas oferecidas às comunidades, aquelas que possuem tradição de práticas coletivas aparecem com maior oferta, como a Música, a Dança e o Teatro, enquanto as de Artes Visuais aparecem com menor frequência, dando ênfase nas linguagens audiovisuais como meio para registrar suas movimentações. Lívia Marques Carvalho, doutora em Artes, em seu livro “O ensino de artes em ONG’s”, defende que nesses espaços predominam

> [...] uma tendência a lançar mão das atividades que resultem em trabalhos coletivos e possibilitem a montagem de apresentações públicas, ao passo que nas escolas institucionais as Artes Visuais são as modalidades mais presentes na sala de aula (CARVALHO, 2008, p. 121).

Dito isso optei por trazer o levantamento de todas as atividades das quais tomei conhecimento, e não apenas as que se vinculam ao meu campo de formação específico, a fim de fazer alguns questionamentos sobre a atuação de licenciados em

Artes Visuais, como: onde estamos atuando, se estamos atuando, quando deixamos a licenciatura em Artes Visuais? Consideramos os espaços não-formais de aprendizagem como campos de atuação? E, se consideramos, foi a própria graduação que produziu esse interesse? Estamos comprometidos em mobilizar nossas forças e garantir o acesso das camadas populares a uma educação transformadora de realidades em variados contextos? E por último, existem possibilidades para um ensino de Artes Visuais que não seja focado em produções individuais, como se os artistas realmente fossem aquela representação do ser iluminado que é tocado por deusas inspiradoras, mas que possibilite reflexões e produções coletivas sobre as diversidades culturais e construções de subjetividades?

Deixo como reflexão final, em resposta a última pergunta mais especificamente, que o campo de estudos da Cultura Visual, presente ao longo da minha trajetória na Faculdade de Artes Visuais, me possibilitou, e a outros colegas, a expressão artística em diferentes técnicas tanto tradicionais quanto contemporâneas, pautado sobretudo nas histórias pessoais e atravessamentos que advinham das nossas próprias inquietações. Proporcionou também, como marca mais profunda, a sensação de pertencimento, reconhecimento e identificação com meus pares a partir de diálogos e construções coletivas de propostas artísticas dentro das disciplinas de ateliês, campos de estágio e na participação em projetos de extensão.

Esclareço que o Trabalho de Conclusão de Curso se encerra aqui, mas que as respostas aos questionamentos podem ser aprofundadas em projetos de pesquisa em programas de pós-graduação, e que o plano de pesquisa do PIBIC continua até agosto de 2023.

Reverencio aqui a atuação desses Pontos de Cultura, que pautam seu trabalho a partir do respeito, da dedicação e do amor. Do respeito às diversidades que estão presentes na nossa formação social; da dedicação ao compromisso de fazer viva e promover acesso à arte, cultura e cidadania; do amor ao próximo que acredito ser a condição primordial para agir com respeito e empenhar-se com dedicação.

REFERÊNCIAS

A CASA DE VIDRO. **Site institucional**. Disponível em: https://acasadevidro.com/. Acesso em: 9 jan. 2023.

A TOCA COLETIVO. **Site institucional**. Disponível em: https://www.atocacoletivo.com.br/. Acesso em: 9 jan. 2023.

ANDRADE, Paula Deporte de; COSTA, Marisa Vorraber. Usos e possibilidades do conceito de pedagogias culturais nas pesquisas em estudos culturais em educação. **Revista Textura**, Canoas, RS; v. 17, n. 34, p. 48-63, 2015. Disponível em: http://www.periodicos.ulbra.br/index.php/txra/article/viewFile/1501/1140. Acesso em: 9 ago. 2022.

ANDRADE, Paula Deporte de. **Pedagogias Culturais** – uma cartografia das (re)invenções do conceito. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de PósGraduação em Educação, Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2016

ANDRÉ, Marli E. D. **Etnografia da prática escolar**. Campinas, SP: Papirus, 2013.

BARBOSA, Ana Mae. Pesquisas em Arte-Educação: recorte sociopolítico. **Educação & Realidade**, v. 30, n. 2, p. 291-301, 2010. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/12478. Acesso em: 9 jan. 2023.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, p. 27833, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 13.018, de 22 de julho de 2014. Institui a Política Nacional de Cultura Viva e dá outras providências. **Diário Oficial da União**: seção 1. Brasília, DF, p. 1, 23 jul. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13018.htm. Acesso em: 28 ago. 2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 28 ago. 2022.

CARVALHO, Lívia Marques. **O ensino de arte em ONG's**. São Paulo: Câmara Brasileira do Livro, 2008.

CASA DE CULTURA DA JUVENTUDE. **Site institucional**. [2021]. Disponível em: https://www.casadeculturadajuventude.com/. Acesso em: 9 jan. 2023.

CELLARD, André. A análise documental. *In*: POUPART, Jean *et al*. **A pesquisa qualitativa:** enfoques epistemológicos e metodológicos. Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008. p. 295-316.

CENEGGO. **Site institucional**. Disponível em: https://ceneggo.org.br/. Acesso em: 9 jan. 2023.

COLETIVO JUSTINA. **Portfólio Institucional**. [2021]. Disponível em http://culturaviva.gov.br/agente/19603/ Acesso em: 9 jan. 2023.

DOCUMENTÁRIO do 5º Seminário Goiano de Comunidades Negras e Povos Tradicionais. 15 dez. 2022. Disponível em: https://www.facebook.com/MRBLACKDOCRJ/videos/530390132475220/. Acesso em: 9 jan. 2023.

DUNCUN, Paul. Por que a arte-educação precisa mudar e o que podemos fazer. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.). **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. p. 15-30.

HISTÓRIAS que moram no mercado. Descrição do documentário. Produção Marcelo Carneiro. Direção Alyne Fratari. 16 jun. 2022. 1 filme (14 min). Publicado pelo canal Alyne Fratari. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=zJDQTAR-7Yk&t=7s. Acesso em: 9 jan. 2023.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não-formal e Cultura Política**. 3. ed. São Paulo, SP: Cortez, 1999.

GOHN, Maria da Gloria. Educação Não-Formal, Participação da Sociedade Civil e Estruturas Colegiadas nas Escolas. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 14, n. 50, p. 27-38, jan. 2006. ISSN 1809-4465. Disponível em: https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/ensaio/article/view/694. Acesso em: 9 jan. 2023.

GOIÂNIA. **Prefeitura entrega kits tecnológicos para as escolas nesta terça-feira**. 30 ago. 2021, 09:38. Disponível em: https://www.goiania.go.gov.br/prefeitura-entrega-kits-tecnologicos-para-escolas-nesta-terca-feira-31/. Acesso em: 9 jan. 2023.

GUIMARÃES, Leda. Prática pedagógica como prática cultural. *In:* ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 17., 2008, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: ANPAP, 2008. p. 1203-1214.

HERNANDEZ, Fernando. A avaliação na educação artística. *In*: HERNÁNDEZ, Fernando. **Cultura Visual, Mudança Educativa e Projeto de Trabalho**. Tradução de Jussara Haubert Rodrigues. Porto Alegre: Artmed, 2000. p. 143-174.

HERNANDEZ, Fernando. A cultura visual como um convite à deslocalização do olhar e ao reposicionamento do sujeito. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.) **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora UFSM, 2011. p. 31-49.

MARTINS, Alice de Fátima. **Catadores de sucata da indústria cultural**. Goiânia: FUNAPE: Ed. UFG, 2013. 174 p., il. -. (Coleçao Funape). Inclui bibliografia. ISBN 9788572743563 (broch.).

MASCARENHAS, Ângela Cristina Belém. A educação para além da escola: o caráter educativo dos movimentos sociais. *In*: PESSOA, Jadir de Morais (org.) **Saberes do nós:** Ensaios de educação e movimentos sociais. Goiânia: Editora da UCG, 2004. p. 15-25.

MERCADO, Luís Paulo Leopoldo. Pesquisa qualitativa on-line utilizando a etnografia virtual. **Revista Teias**, v. 13, n. 30, p. 169-183, set./dez. 2012. Disponível em: http://www2.fct.unesp.br/docentes/geo/necio_turra/PPGG%20-%20PESQUISA%20QUALI%20PARA%20GEOGRAFIA/Mercado%20-%20pesquisa%20quali%20online.pdf Acesso em: 9 jan. 2023.

MIRZOEFF, Nicholas. O direito a olhar. **ETD - Educação Temática Digital**, v. 18, n. 4, p. 745–768, 2016. DOI: https://doi.org/10.20396/etd.v18i4.8646472. Disponível em: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/etd/article/view/8646472. Acesso em: 9 jan. 2023.

OCUPA TUDO - CONGRESSO NACIONAL. 30 nov. 2016. 1 filme (3 min). Publicado pelo canal A casa de Vidro Ponto de Cultura. Filmes de Eduardo Carli de Moraes @ A Casa de Vidro & Festival Confluências. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=KvL98FiqiHw&list=PLatC4gvi1ec-UtAP2CTZ68Kc6c9_rtRDF. Acesso em: 9 jan. 2023.

PARTIDO DOS TRABALHADORES. **A imaginação a serviço do Brasil**: Programa de Políticas Públicas de Cultura. Programa de Governo 2002 – Coligação Lula Presidente 2002. Resoluções de Encontros e Congressos & Programas de Governo - Partido dos Trabalhadores. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2002. Disponível em: https://fpabramo.org.br/csbh/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/01-aimaginacaoaservicodobrasil.pdf. Acesso em: 10 ago. 2022.

PEDROSO, Júlio Cesar; MARTINS, Carlos José. Pontos de Cultura enquanto movimento social: uma pesquisa netnográfica. **E-Compós**, v. 16, n. 2, 2013. DOI: 10.30962/ec.926. Disponível em: https://www.e-compos.org.br/e-compos/article/view/926. Acesso em: 9 jan. 2023.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017.

RUA DO LAZER. Hip-Hop em cena nas ruas. 23 mar. 2021. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Programa Hip Hop Em Cena. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-gwv_uHMONk&t=10s. Acesso em: 8 jan. 2023.

SADER, Emir. Viagem ao brasil des-silenciado. *In*: TURINO,Célio. **Ponto de cultura**: o Brasil de baixo para cima. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010. p. 7-9.

SILVA, Rosana Gonçalves da. **AnElos ecopedagógicos entre a Complexidade e a Carta da Terra**: invenções criativas no cotidiano escolar. 2016. 348 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de Brasília, Brasília, 2016. Disponível em: https://repositorio.unb.br/handle/10482/22717. Acesso em: 5 jan. 2023.

SILVA, Rosana Gonçalves da; LIMA, Renato Barrete Marcelino. Cultura e resistência: quem conta um ponto aumenta um conto. **Revista Incomum**, v. 3, n. 4, p. 520-533, 2022. Dossiê Pare, Olhe, Escute: cruzar experiências no ensino de arte.

Trabalho apresentado no 1º Seminário de Pesquisa do Mestrado Profissional em Artes / IFG, Rede ProfArtes. Disponível em: https://revistas.ifg.edu.br/incomum/article/view/1210. Acesso em: 5 jan. 2023.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche**: A poética e a política do texto curricular. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Circunstância e ingerências da cultura visual. *In*: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (org.) **Educação da Cultura Visual**: conceitos e contextos. Santa Maria: Editora da UFSM, 2011. p. 51-68.

TURINO, Célio. **Ponto de cultura**: o Brasil de baixo para cima. São Paulo: Anita Garibaldi, 2010.

YODA, Carlos Gustavo. Célio Turino: empoderamento e protagonismo cultural. **Cultura e Mercado,** 30 jun. 2010. Disponível em: https://culturaemercado.com.br/celio-turino-empoderamento-e-protagonismo/. Acesso em: 24 ago. 2022.